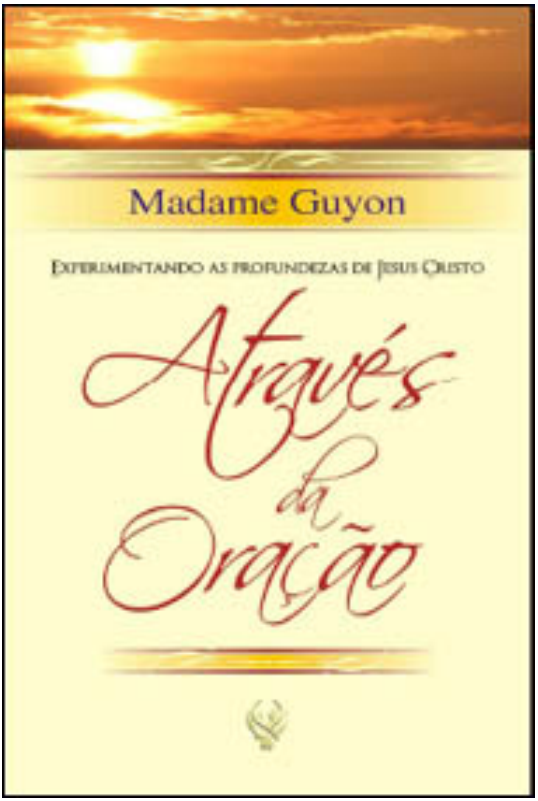


Experimentando as Profundezas de Jesus Cristo

Através da Oração

Madame Guyon

Reeditado por SusanaCap
HTTP://SUSANACAP.PHPBB.INSTANT-FORUM.COM

Semeadores da Palavra
e-books evangélicos

Editora dos Clássicos, 2002
Série: Riquezas de Cristo
ISBN: 85-87832-35-2
Título do original em inglês:
Experiencing the depths of Jesus Christ
Tradução: Moisés Cavalheiro de Moraes
Capa: Marcelo da Cruz

Sumário:

Prefácio à Edição em Português
Prefácio Original
1. Do Lugar Raso para as Profundezas
3. As Profundezas – Mesmo Para os Iletrados
4. O Segundo Nível
5. Períodos de Sequidão
6. Abandono
7. Abandono e Sofrimento
8. Abandono e Revelação
9. O Abandono e a Vida Santa
10. Portas Adentro
11. Em Direção Ao Centro
12. Oração Contínua
13. Abundância
14. Silêncio
15. Uma Nova Visão da Confissão de Pecados
16. A Escritura
17. Oração de Pedidos?
18. Distrações
19. Tentação
20. Consumido
21. Silêncio – Nas Profundezas
22. O Estado Constante
23. Aos Obreiros Cristãos
24. A Realização Final do Cristão
Sobre a Autora

Este e-book foi montado a partir de 2 fontes diferentes, o que poderá ser notado claramente durante a leitura:
Prefácios, Capítulos 1, 2 e 23: do original da edição brasileira;
Capítulos 3 a 22, 24 e 25: a partir de uma tradução resumida que circulou com o nome "Um método de oração curto e simples".

Como este livro está esgotado e não se encontra mais à venda, espero que o leitor possa apreciá-lo, apesar das óbvias diferenças.
SusanaCap

Prefácio à Edição em Português

Já há muito tempo a EDITORA DOS CLÁSSICOS buscava em Deus publicar obras para ajudar os sedentos por Jesus a trilharem o caminho da oração. No entanto, nosso encargo é publicar obras geradas por pessoas que andaram com Deus, cujo objetivo não era escrever livros, mas sim compartilhar os segredos que experimentaram com Ele através da oração.

Quando o foco é ajudar espiritualmente as pessoas a conhecer e a se relacionar com Deus, a doutrina tem pouco proveito se não for acompanhada do testemunho da experiência.

Por estes motivos, apresentamos aos leitores de língua portuguesa esta maravilhosa obra de Madame Guyon em sua versão original e completa, que tem sido mundialmente reconhecida como um dos maiores clássicos cristãos sobre oração.

Ela foi conhecida por volta de 1685, quando provocou tremenda revolução espiritual na França, e desde então vem sendo usada por Deus para gerar avivamento em muitas partes do mundo.

Em minha pequena carreira no Senhor, algumas obras foram usadas por Ele de forma especial para me ajudar a conhecê-Lo melhor e a Sua Palavra. No entanto, confesso que jamais experimentei algo tão sobrenatural quando, anos atrás, li pela primeira vez este livro.

Como uma das responsabilidades que o Senhor tem nos dado ultimamente é produzir alimento saudável para os novos cristãos, esta obra é comida essencial para os novos na fé e remédio eficaz para os que já caminham há mais tempo, mesmo para os obreiros, visto que uma das piores doenças dos últimos tempos é a perda da comunhão profunda com Deus através da oração. Como dizia Andrew Murray:

"Como a Igreja de Cristo e a vida espiritual de milhares de seus membros sofrem da ´doença da raiz´, da negligência de uma comunhão secreta com Deus!"

E Madame Guyon ressalta, no capítulo 23, "Aos Obreiros":

"Que tremendo dano os novos cristãos – de fato, a maioria dos cristãos – sofrem por causa da perda de uma relação espiritual, interior, com Jesus Cristo.

Vocês que estão em autoridade sobre crentes novos, um dia darão contas a Deus por aqueles que lhes foram confiados pelo Senhor. Terão que dar contas do fato de não terem descoberto para vocês mesmos este tesouro oculto – esta relação interior com Cristo – e também serão avaliados por não terem dado esse tesouro àqueles que estão sob seu encargo."

Ao Senhor, para quem vivemos e trabalhamos, encomendamos esta obra com a oração de que seja usada pelo Espírito Santo para ajudar os santos a experimentarem as profundezas de Jesus Cristo e a viverem a vida abundante de Cristo.

Pelos interesses de Cristo,

Gerson Lima

Editor

São Paulo, setembro de 2005.

Prefácio Original

Escrito no final do século XVII

Este pequeno livro, concebido em grande simplicidade, não foi escrito para ser publicado. Eu o escrevi para poucas pessoas, que desejavam amar a Deus com todo o seu coração. Mas, por causa do proveito que tiveram ao ler o manuscrito, muitos pediram uma cópia para si. Por causa de tais pedidos este livrinho foi entregue ao prelo.

Deixei o livro em sua simplicidade original. Não contém qualquer crítica aos ensinos de outros que já escreveram a respeito de coisas espirituais. Pelo contrário, reforça tais ensinos.

Agora submeto o livro inteiro ao julgamento dos homens eruditos e experientes, com apenas um pedido: por favor, não parem na superfície,

mas entrem no meu principal propósito ao escrevê-lo. Esse propósito é levar todo o mundo a amar a Deus e servi-Lo de um modo mais fácil e mais simples do que qualquer pessoa pode imaginá-lo.

Tenho escrito este livro, intencionalmente, voltado para aqueles queridos e simples seguidores de Jesus Cristo que não estão qualificados para a pesquisa intensiva, mas, todavia, desejam dar-se completamente a Deus.

O leitor que vem a este livro – sem preconceito – encontrará, escondida debaixo das mais simples expressões, uma secreta unção. Essa unção o excitará a procurar aquela felicidade interior que todos os discípulos do Senhor deveriam ter o desejo de possuir e gozar.

Tenho afirmado que a perfeição pode ser facilmente adquirida, e isso é verdadeiro. Jesus Cristo é a perfeição, e quando O procuramos dentro de nós mesmos, Ele é facilmente encontrado.

Talvez, porém, você responda: "Mas o Senhor não disse: 'Haveis de procurar-me, e não me achareis; também aonde eu estou, vós não podeis ir'"? (Jo 7.34). Ah! Mas o Senhor, que não pode contradizer-Se, também disse a todos: "Buscai e encontrareis" (Mt 7.7).

Sim é verdade: se você procura o Senhor e, todavia, não quer parar de pecar, não O encontrará. Por quê? Porque você O procura em um lugar onde Ele não está. Por isso está dito:

"Morrereis em vossos pecados".

Mas se você aceitar a tarefa de procurar Deus em seu próprio coração, e se sinceramente abandonar seus pecados, de modo que possa aproximar-se Dele, você infalivelmente O encontrará.

Eu percebo que a perspectiva de viver uma "vida de piedade" seja perturbadora para a maioria dos cristãos! E a oração seja vista como uma realização muito difícil. Conseqüentemente, muitos crentes ficam desencorajados logo no começo, mesmo para dar os primeiros passos nessa direção. É verdade que, se você considera a dificuldade de uma nova acometida, isso pode seguramente levá-lo ao desespero e fazê-lo relutar em começar. Por outro lado, o desejável de tal aventura – e a idéia de que pode ser facilmente realizada – pode fazer com que você se arremeta com todo o vigor.

Este livro, portanto, ilumina o caminho do desejável, do prazer, das vantagens e do fácil destes dois assuntos: a oração e a piedade.

Oh, se somente por uma vez pudéssemos ser convencidos da bondade de Deus para com todos os Seus filhos e do Seu desejo de revelar-Se a eles! Não mais buscaríamos realizar nossos próprios desejos egoístas. Não seríamos tão rapidamente desencorajados de seguir atrás do que Ele está suspirando por dar-nos.

"Aquele que não poupou seu próprio Filho, antes o entregou por nós todos, como não nos dará também com ele todas as coisas?" (Romanos 8.32).

Precisamos somente de um pouco de coragem e perseverança.

Realmente, temos o bastante de ambos em nossos afazeres terrestres, mas não totalmente na única coisa que realmente interessa (Lc 10.42).

Alguns de vocês podem duvidar de que Deus possa realmente ser encontrado facilmente. Se é assim, não apenas tomem minha palavra. Ao invés disso, tentem por si mesmos o que estou propondo. Pois estou segura de que sua própria experiência o convencerá de que essa realidade é bem maior do que lhe tenho dito.

Amado leitor, leia este pequeno livro com um espírito sincero e honesto. Leia-o em humildade de mente, sem a inclinação à crítica. Se você o fizer, não fracassará em ter lucro nisso. Escrevi este livro com um desejo de que você possa dar-se inteiramente a Deus.

Por favor, receba este livro com o mesmo desejo em seu coração. Ele não tem outro propósito além deste: convidar os simples e os que são como crianças a se aproximarem de seu Pai… um Pai que se delicia em ver a humilde confiança de Seus filhos e é entristecido pela desconfiança deles.

Portanto, com um sincero desejo de alcançar sua própria salvação, nada procure neste livro a não ser o amor de Deus.

Com tal expectativa, você seguramente obterá esse amor.

Não estou dizendo que este caminho é melhor do que qualquer outro. Estou declarando, honestamente, por minha própria experiência, e também de outros, a alegria encontrada em seguir o Senhor desta maneira.

Há muitos outros assuntos que poderíamos abordar, de grande significado espiritual, mas foram omitidos porque não se relacionam ao nosso pensamento principal: experiência com o Senhor Jesus.

Sem dúvida, nada se achará aqui que venha a ofender se o livro for lido apenas no mesmo espírito em que foi escrito.

Mais ainda, aqueles que honestamente provarem este meio, seguramente acharão que escrevi a verdade.

"Oh, Senhor Jesus, és Tu somente Quem amas o simples e o inocente. É Teu 'prazer morar com os filhos dos homens' (Pv 8.31), com aqueles que estão dispostos a se tornarem 'como crianças' (Mt 18.3). Tu és o Único que pode fazer com que este pequeno livro seja de algum valor. Amado Senhor, escreve-o no coração daqueles que o lerem e leva-os a Te procurarem dentro deles mesmos. É lá que Tu repousas, como na manjedoura, esperando receber as provas de amor deles e dar-lhes, em troca, testemunho de Teu amor. Oh! É verdade que a falha é deles, por não experimentarem tudo que estás tão desejoso de conceder. E, contudo, oh, Filho Todo-poderoso, Amor não-criado, Palavra Silenciosa e Oniabrangente, está em Tuas mãos fazer-Te amado, desfrutado e entendido. Podes fazê-lo, e sei que Tu o farás neste pequeno livro, pois ele Te pertence inteiramente. Saiu completamente de Ti; e ele aponta somente para Ti!"

Jeanne Guyon

Grenoble, França

Cerca de 1685

1. Do Lugar Raso para as Profundezas

Enquanto você lê este livro, pode sentir que simplesmente não é uma daquelas pessoas capazes de uma profunda experiência com Jesus Cristo. A maioria dos cristãos não percebe que é chamada para uma relação mais profunda, interior, com o seu Senhor. Mas todos nós fomos chamados às profundezas de Cristo, tão certo como fomos chamados para a salvação.

Que quero dizer quando falo desta profunda e interior relação com Cristo Jesus? De fato, é algo muito simples. É apenas voltar-se e render seu coração ao Senhor. É a expressão de amor por Ele, dentro do seu coração.

Você há de estar lembrado de que Paulo nos encoraja a "orar sem cessar' (1 Ts 5.17). O Senhor também nos convida a "vigiar e orar" (Mc 13.33, 37). É claro, por estes dois versículos, bem como por muitos outros, que todos nós vivemos desta espécie de experiência, esta oração, assim como vivemos pelo amor.

Certa vez, o Senhor disse: "Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres" (Ap 3.18).

Querido leitor, há ouro disponível para você. Este ouro é muito mais facilmente obtido do que você jamais poderia imaginar.

Esta à sua disposição. O propósito deste livro é lançar você nesta exploração e nesta descoberta.

Faço-lhe um convite: se você tem sede, venha às águas vivas. Não gaste seu precioso tempo cavando poços que não têm águas (Jo 7.37; Jr 2.13).

Se você está faminto e nada pode achar para satisfazer a sua fome, então venha. Venha e ficará satisfeito.

Você que é pobre, venha! Você que está aflito, venha!

Você que está abatido com seu fardo de miséria e de dor, venha!

Você será confortado!

Você que está enfermo e precisa de um médico, venha! Não hesite por causa das suas enfermidades. Venha ao seu Senhor e mostre-Lhe todas as suas doenças, e elas serão curadas!

Querido filho de Deus, seu Pai tem Seus braços de amor, largamente, abertos para você. Atire-se em Seus braços. Você que tem andado errante e desgarrado como uma ovelha, volte-se ao seu Pastor. Vocês que andam em pecado, venham ao seu Salvador.

Dirijo-me, especialmente, àqueles que são muito simples e incultos, mesmo a você que não pode ler e escrever. Você pode pensar que é a pessoa mais incapaz para esta experiência permanente de Cristo, para esta oração de simplicidade.

Você pode pensar de si mesmo como o mais distante de uma profunda experiência com o Senhor; mas, de fato, o Senhor tem escolhido especialmente você! Você é o mais ajustado para conhecê-Lo bem.

Que ninguém se sinta deixado de fora. Jesus Cristo chama a todos.

Oh, suponho que há um grupo que é deixado de fora!

Não venha, se você não tem um coração. Veja: antes de vir, há uma coisa que você precisa fazer. Primeiro, precisa dar seu coração ao Senhor.

"Mas não sei como dar meu coração ao Senhor!"

Bem, neste livrinho você aprenderá o que significa dar seu coração ao Senhor, e como fazer esta dádiva a Ele. Deixe-me perguntar-lhe, então: você deseja conhecer o Senhor de uma maneira profunda? Deus fez que tal experiência, tal caminhar, seja possível para você. Fez com que isso fosse possível, através da graça que tem dado a todos os Seus filhos remidos. Ele o fez por meio de Seu Santo Espírito.

Como, então, você irá ao Senhor para conhecê-Lo de um modo profundo? A oração é a chave. Mas tenho em mente certo tipo de oração. É um tipo de oração que é muito simples e, contudo, assegura a chave para a perfeição e para a bondade – coisas que são achadas somente em Deus mesmo. O tipo de oração que tenho em mente libertará você da escravidão de todo o pecado. É uma oração que o libertará para cada virtude da piedade.

Você vê: o único caminho para ser perfeito e andar na presença de Deus. O único modo pelo qual você pode viver na Sua presença, em comunhão ininterrupta, é por meio da oração, mas um tipo muito especial de oração. É uma oração que o leva à presença de Deus e o conserva aí por todo o tempo; é uma oração que pode ser experimentada sob qualquer condição, em qualquer lugar, a qualquer tempo.

Há mesmo tal tipo de oração? Existe realmente tal experiência com Cristo? Sim, há tal oração! É uma oração que não interfere nas atividades exteriores de sua rotina diária, que pode ser praticada por reis, sacerdotes, soldados, operários, crianças, mulheres e também pelos enfermos.

Permita-me apressar-me em dizer que esta espécie de oração a que me refiro não é uma oração que vem da mente. É uma oração que começa no coração. Não vem do seu entendimento ou de seus pensamentos. Oração oferecida ao Senhor, que sai da sua mente, simplesmente não será

adequada. Por quê? Porque sua mente é muito limitada. A mente pode dar atenção a somente uma coisa de cada vez. A oração que brota do coração não é interrompida pelo pensamento! Vou tão longe, a ponto de dizer que nada pode interromper a oração!

É a oração da simplicidade.

Oh, sim, há uma coisa que a pode interromper. Desejos egoístas podem fazer com que esta oração cesse. Mas, mesmo assim, há encorajamento, pois uma vez que você começa a se alegrar no seu Senhor e a provar a doçura de Seu amor, verá que mesmo seus desejos egoístas não terão qualquer poder.

Você verá que é impossível ter prazer em qualquer outra coisa, exceto Nele!

Compreendo que alguns de vocês podem sentir que são muito vagarosos, que têm uma compreensão pobre e que são pouco espirituais. Caro leitor, nada há neste universo que seja mais fácil de obter do que o gozo de Cristo Jesus! Seu Senhor é mais presente a você do que você mesmo! Mais ainda, Seu desejo de dar-Se a você é maior do que seu desejo de assegurar-se Dele.

Como, então, você começa? Precisa somente de uma coisa.

Precisa somente saber como procurá-Lo. Quando achar o modo de buscá-Lo, descobrirá que este caminho para Deus é mais natural e mais fácil do que aspirar o ar.

Por esta oração de simplicidade, este experimentar de Cristo, profundamente, você poderá viver pelo próprio Deus, com menor dificuldade e com menos interrupção do que viver pelo ar que respira. Se isto é verdade, então pergunto: não será pecado não orar? Sim, seria um pecado. Mas uma vez que você tenha aprendido como buscar Jesus Cristo e como assegurar-se Dele, você O achará tão facilmente que não mais negligenciará esta relação com seu Senhor.

Vamos adiante, portanto, e aprendamos esse modo simples de orar.

2. Iniciando-se

Gostaria de dirigir-me a você como se você fosse um iniciante em Cristo, procurando conhecê-Lo. Assim fazendo, deixe-me sugerir dois modos de você ir ao Senhor. Ao primeiro chamarei de "orar a Escritura"; ao segundo chamarei de "contemplar o Senhor" ou de "esperar em Sua Presença".

"Orar a Escritura" é um modo especial de lidar com a Escritura; envolve tanto a leitura como a oração. Eis aqui como começar.

Abra a Escritura; escolha alguma passagem que seja simples e suficientemente prática. A seguir, vá ao Senhor, quieto e humildemente. Aí, diante Dele, leia uma pequena parte da passagem que você escolheu. Seja cuidadoso enquanto lê. Tome o que está lendo de modo completo e gentil. Prove-o e digira-o à medida que lê.

No passado, pode ter sido seu hábito de, enquanto lia, mover-se rapidamente de um versículo para outro, até que lesse toda a passagem. Talvez estivesse procurando o ponto principal do texto. Ao chegar ao Senhor, porém, por meio de "orar a Escritura", você não lerá assim rápido; fará isso bem devagar. Não se moverá de uma passagem para outra até que tenha sentido o verdadeiro coração daquilo que está lendo. Poderá então tomar a parte da Escritura que o tocou e transformá-la em oração.

Depois de ter sentido algo da passagem, e depois de saber que a sua essência já foi extraída e que todo o sentido mais profundo dela já saiu, então, bem devagar, suavemente, e de modo tranqüilo, comece a ler a próxima parte do texto. Você ficará surpreso por ver que seu tempo com o Senhor terminou, e que terá lido muito pouco, provavelmente não mais de meia página.

"Orar a Escritura" não se julga pelo quanto você lê, mas pela maneira que lê.

Se você ler rapidamente, isso lhe trará pouco benefício.

Você será como uma abelha que apenas desliza na superfície de uma flor. Ao invés disso, nesta nova maneira de ler, com oração, você precisa tornar-se como a abelha que penetra nas profundezas da flor, mergulhando muito nela para retirar seu néctar mais profundo.

Naturalmente, há um tipo de leitura da Escritura para a erudição e para o estudo – mas não agora. O tipo de leitura erudita não o ajudará, quando se tratar de assuntos que são divinos! Para receber qualquer proveito ulterior e profundo da Escritura, você precisa ler como acabei de descrever. Mergulhe nas próprias profundezas das palavras que lê, até que a revelação, como um doce aroma, se derrame sobre você.

Estou certa de que, se você seguir esta linha de conduta, pouco a pouco chegará à experiência de oração muito rica, que fluirá do seu interior.

Vamos agora à segunda espécie de oração que mencionei.

O segundo tipo de oração que designei como "contemplar o Senhor" ou "esperar no Senhor" também faz uso da Escritura, mas realmente não se trata de um tempo de leitura.

Lembre-se: dirijo-me a você como se você fosse um novo convertido. Eis aqui seu segundo modo de encontrar a Cristo.

E este segundo caminho para Cristo, embora você use a Escritura, tem um propósito diferente do outro que chamei de "orar a Escritura". Por isso você deve separar tempo para apenas esperar Nele.

No "orar a Escritura", você procura encontrar o Senhor naquilo que está lendo, nas próprias palavras. Agora, neste outro caminho o conteúdo da Escritura não é o ponto focal como naquele, cujo propósito é tomar tudo que, na passagem, revela o Senhor a você. E neste outro caminho?

Ao "olhar para o Senhor", você vai ao Senhor de um modo totalmente diferente. Talvez, neste ponto, eu preciso partilhar com você a maior dificuldade que terá em "esperar no Senhor".

E tem a ver com sua mente. A mente tem uma tendência muito forte a afastar-se do Senhor. Portanto, quando você for diante do seu Senhor, para sentar-se em Sua presença, contemplando-O, use a Escritura para aquietar a sua mente.

A maneira de executar isso é muito simples. Primeiro, leia uma passagem da Escritura. Uma vez que sinta a presença do Senhor, o conteúdo do que você leu não é o mais importante.

A Escritura já serviu a seu propósito; acalmou sua mente; trouxe você para Ele.

Para que você possa ver isso mais claramente, deixe-me descrever-lhe o modo como você chega ao Senhor pelo simples ato de contemplá-Lo e esperá-Lo.

Você começa separando tempo para estar com o Senhor.

Quando for a Ele, vá calmamente. Volte seu coração à presença de Deus. Como fará isso? Pela fé. Você crê que foi à Sua presença.

Depois, enquanto está diante do Senhor, comece a ler alguma parte da Escritura. À medida que lê, faça uma pausa. A pausa deve ser completamente em calma. Você pára, de modo a colocar sua mente, interiormente, em Cristo.

(Você deve sempre lembrar que não está fazendo isso para obter algum entendimento do que está lendo; ao contrário, você está lendo a fim de voltar sua mente das coisas exteriores para as regiões profundas de seu ser. Não o está fazendo, na realidade, para aprender ou para ler, mas sim para experimentar a presença de seu Senhor.)

Enquanto você está diante do Senhor, mantenha seu coração na Sua presença. Como? Isso também é pela fé. Sim, pela fé você pode manter seu coração na presença do Senhor. Agora, esperando diante Dele, volte toda sua atenção para seu espírito.

Não permita que sua mente vagueie. Se sua mente começar a passear, volte sua atenção para as partes interiores de seu ser.

Você ficará livre de andar dispersivamente – livre de qualquer distração exterior – e será levado para perto de Deus.

(O Senhor é encontrado somente dentro de seu espírito, no recesso de seu ser, no Santo dos Santos; é ai que Ele habita.

O Senhor certa vez prometeu que viria morar dentro de você [Jo 14.23]. Prometeu aí encontrar aqueles que O adoram e fazem Sua vontade. O Senhor encontrará você no seu espírito.

Foi Santo Agostinho quem, certa vez, disse que havia perdido muito tempo, no começo de sua experiência cristã, tentando encontrar o Senhor, externamente, ao invés de voltar-se para o interior.)

Uma vez que seu coração se tenha voltado, interiormente, para o Senhor, você terá uma noção de Sua presença. Será capaz de notar Sua

presença mais agudamente, porque seus sentidos exteriores se tornaram agora muito calmos e tranqüilos.

Sua atenção não está mais em coisas exteriores ou nos pensamentos superficiais de sua mente; ao invés disso, doce e silenciosamente, sua mente se torna ocupada com o que leu e pelo toque de Sua presença.

Oh, não se trata do que você há de pensar sobre o que leu, mas você se alimentará do que leu. Por causa do amor ao Senhor, você exercitará sua vontade para manter sua mente quieta diante Dele. Quando chegar a este estado, você deve permitir que sua mente repouse. Como descreverei o que virá a seguir?

Neste estado muito cheio de paz, engula o que você já provou. No princípio, isso pode parecer difícil, mas talvez eu lhe possa mostrar quão simples é. Você não tem, por vezes, gostado do sabor de uma comida muito gostosa? Mas a menos que esteja disposto a engolir a comida, não receberá qualquer nutrição. É a mesma coisa com sua alma. Neste estado de calma, paz e simplicidade, apenas tome o que lhe é oferecido como nutrição.

E quanto às distrações: digamos que sua mente comece a ficar errante. Uma vez que você tenha sido profundamente tocado pelo Espírito do Senhor e se distraia, seja diligente em trazer sua mente errante de volta ao Senhor. Este é o modo mais simples do mundo de sobrepujar as distrações externas.

Quando sua mente vagueia, não tente forçá-la a mudar de pensamento. Veja: se você concentra-se no que está pensando, apenas irritará sua mente e instigá-la-á ainda mais. Ao invés disso, retire-se de sua mente! Retorne interiormente para a presença do Senhor. Fazendo assim, você vencerá as guerras contra sua mente errante e, todavia, nunca se envolverá diretamente na batalha!

Antes de encerrarmos este capítulo, gostaria de destacar mais um ou dois pontos.

Vamos falar sobre revelação divina. No passado, seu hábito de leitura pode ter sido o de saltar de um assunto para outro.

Mas o melhor meio de entender os mistérios que estão ocultos na revelação de Deus e gozá-los, completamente, é deixá-los ser impressos profundamente em seu coração. Como? Você pode fazer isso ao

permanecer nessa revelação por tanto tempo quanto lhe dê o senso da presença do Senhor. Não se apresse em ir de um pensamento a outro. Permaneça com o que o SENHOR lhe tenha revelado; permaneça aí tanto tempo quanto o senso do Senhor também aí estiver.

Ao começar esta nova aventura, você descobrirá, é claro, que é difícil manter sua mente sob controle.

Por que é assim? Porque por longos anos de hábito sua mente adquiriu a habilidade de errar por toda parte, como lhe agrada; assim, o que falo aqui é algo que serve para disciplinar sua mente.

Esteja certo de que, à medida que sua alma se acostumar a fixar-se em coisas mais interiores, este processo se tornará muito mais fácil.

Há duas razões pelas quais você O encontrará mais facilmente a cada vez que trouxer sua mente sob sujeição ao Senhor. Uma é que a mente, depois de muita prática, formará novo hábito, o de voltar-se profunda- mente para dentro. A segunda é que você tem um gracioso Senhor!

O principal desejo do Senhor é revelar-se a você e, a fim de fazer isso, Ele lhe dá abundante graça. O Senhor lhe dá a experiência de gozar de Sua presença. Ele lhe toca, e Seu toque é tão delicioso que, mais do que nunca, você é atraído interiormente para Ele.

3. As Profundezas – Mesmo Para os Iletrados

Aqueles que não podem ler, não estão excluídos da oração. O grande livro que ensina todas as coisas, escrito por toda sua extensão, por dentro e por fora, é o próprio Jesus Cristo.

O método que devem praticar é o seguinte: Em primeiro lugar, assimilem esta verdade fundamental: "*O Reino de Deus está no meio de vós*" (Lc 17.21) e somente ali deve ser procurado.

O clero foi encarregado de transmitir esta verdade aos fiéis, tanto no catecismo como na oração. É bem verdade que pregam sobre a finalidade da criação do homem, mas não fornecem instruções suficientes de como alcançá-la.

Os fiéis devem ser ensinados, desde o princípio, por um ato de profunda adoração e anulação diante de Deus: fechem os olhos corporais e abram os da alma; reconheçam interiormente, através de uma fé viva, o Deus que habita ali; penetrem na presença Divina, sem permitir que os sentidos se desviem, mas mantendo-os submissos o quanto possível.

Repitam a oração do Senhor, na língua materna, ponderando sobre os significados das palavras e sobre o infinito desejo do Deus interior de tornar-Se, de fato, SEU PAI. Neste estado, derramem suas necessidades diante Dele e ao pronunciarem a palavra Pai, permaneçam por alguns minutos em silêncio reverenciai, esperando surgir aquele desejo de que o Pai celestial seja manifestado.

Mais uma vez, o Cristão, num estado de frágil criança, endurecida e machucada por repetidas faltas, sem forças para resistir, ou sem poder de purificar a si próprio, deve colocar sua deplorável situação diante dos olhos do Pai, em humilde vergonha, inserindo algumas palavras de amor e pesar; mergulhando novamente no silêncio diante Dele. Continuem então a oração do Senhor, implorando a este Rei da Glória para que reine em cada um de vocês; abandonem-se em Deus, a fim de que Ele possa habitar em vocês e reconhecer seu Direito de governar.

Se sentirem uma inclinação à paz e ao silêncio, não continuem com as palavras da oração enquanto perdurar esta sensação; quando ela diminuir continuem com a segunda petição: "SEJA FEITA A VOSSA VONTADE ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU"; permitam assim, humildes suplicantes, que Deus realize em vocês e através de vocês a Sua vontade, entreguem os corações e a liberdade nas mãos de Deus, para serem dispostos como Lhe aprouver. Quando descobrirem que a vontade deve ser empregada amorosamente, desejarão amar e implorarão a Deus pelo seu AMOR; tudo isso ocorrerá doce e tranqüilamente; o mesmo se aplica ao resto da oração.

Não se sobrecarreguem com repetições freqüentes de fórmulas ou orações decoradas, pois a oração que o Senhor nos ensinou, uma vez realizada como acabo de descrever, produzirá frutos abundantes.

Em outros momentos, poderão se colocar como ovelhas diante de seu Pastor, buscando o verdadeiro alimento: "Oh, divino Pastor, tu alimentas teu rebanho de ti mesmo, sendo, de fato, o pão diário". Mostrem a Ele as necessidades de seus familiares: mas que tudo seja feito a partir do princípio e da grande visão de fé, de que Deus está dentro de cada

um.Todas as imaginações sobre Deus não levam a nada; uma fé viva em sua presença, basta. Pois, não devemos formar nenhuma imagem da Divindade, embora possamos formar uma imagem de Jesus Cristo, observando seu nascimento, crucificação ou algum outro estado ou mistério, fazendo com que a alma O busque sempre em seu próprio centro.

Em outra oportunidade, podemos buscá-Lo como a um Terapeuta, apresentando à Sua virtude curadora, todas as nossas doenças, mas sempre sem perturbações e com pausas de tempo, a fim de que o silêncio seja intercalado com a ação e gradualmente estendido; para que nosso próprio esforço seja ouvido, até que pelo contínuo apelo pelas operações divinas, com o tempo, Ele obtenha a completa ascendência, como explicaremos mais adiante.

Quando a presença divina nos é confiada e gradualmente começamos a apreciar o silêncio e o repouso, este *desfrutar experimental da presença de Deus* introduz a alma no segundo grau da oração, que realizada pelos procedimentos descritos acima, é alcançada tanto por analfabetos, como por eruditos; algumas almas privilegiadas, de fato, são favorecidas por esta presença, desde o início.

4. O Segundo Nível

Alguns chamam o segundo nível da oração de CONTEMPLAÇÃO, a oração da fé e da quietude; outros o chamam de ORAÇÃO DA SIMPLICIDADE. Devo usar aqui esta segunda denominação, por ser mais justa que a primeira, a qual implica num estado mais avançado do que aquele que tratando agora.

Quando a alma é exercitada por algum tempo no caminho mencionado, gradualmente descobre ser capaz de abordar a Deus com facilidade, que o recolhimento é conseguido com menos dificuldades e que a oração torna-se fácil, doce e prazerosa; reconhece que este é o verdadeiro caminho para encontrar a Deus e sente que "*teu nome é como um óleo escorrendo*" (Ct. 1.3). O método deve ser alterado neste momento, e o que aqui descrevo deve ser buscado com coragem e fidelidade, sem deixar se abater pelas dificuldades do caminho.

Primeiro, uma vez que a alma, através da fé se coloque na presença de Deus e se alinhe diante Dele, deve permanecer assim por alguns instantes, em respeitoso silêncio. Mas, se no começo, ao formar o ato de fé, sentir uma pequena e agradável sensação da presença Divina, permaneça assim, sem perturbação, nutrindo esta sensação pelo tempo que puder. Quando ela diminuir, estimule a vontade através de algum sentimento carinhoso; caso a doce paz seja restabelecida, que assim permaneça; o fogo deve ser ventilado gentilmente, mas uma vez aceso, é preciso diminuir os esforços, ou o extinguiremos com a nossa atividade.

Recomendo que nunca terminem a oração sem permanecer um tempo em respeitoso silêncio. É muito importante para a alma dirigir-se à oração com coragem e trazer consigo um amor puro e desinteressado, que não busca nada de Deus, senão agradá-Lo e fazer a Sua vontade; pois um servo que mede seus esforços apenas pela recompensa, não é digno de recompensa alguma. Dirija-se à oração, não esperando desfrutar dos deleites espirituais, mas para estar exatamente da forma que agrada a Deus. Isto irá preservar seu espírito tranqüilo tanto na aridez como na consolação, evitando que seu ser seja surpreendido com a aparente ausência ou rejeição de Deus.

5. Períodos de Sequidão

Ainda que Deus não tenha outro desejo além de conceder-Se à alma amorosa que O busca, Ele freqüentemente Se oculta dela, a fim de que a alma seja despertada da lentidão e impelida a buscá-Lo com fidelidade e amor. Mas com que imensa bondade recompensa a fidelidade de seus bem-amados! E quão freqüente Suas aparentes retiradas são sucedidas por carícias de amor.

Nestes momentos, temos a tendência de acreditar que ele prova a nossa fidelidade e mostra a necessidade de maior ardor de sentimento ao buscá-Lo, através de nossas próprias forças e atividade e que isso O induzirá a nos revisitar mais rapidamente. Não, queridas almas, acreditem, este não é o melhor caminho neste estágio da oração. Espere o retorno do Amado com amor paciente, autonegação e humildade; com o fôlego renovado de um sentimento ardente, mas pacífico e com um silêncio repleto de veneração.

Demonstre assim, que procura somente a Ele e seu júbilo, não os deleites egoístas de nossas próprias sensações ao amá-Lo. É dito: "*Endireita teu coração e sê constante, não te apavores no tempo da adversidade. Une-te a ele e não te separes, afim de seres exaltado no teu último dia*". (Eclo 2 2,3).

Seja paciente na oração, embora durante todo o período de tua vida não tenhas outra coisa a fazer que esperar o retorno do Amado num espírito de humildade, abandono, contentamento e resignação. Mais que tudo, em perfeita oração! A vida será intercalada com sinais de amor pleno! Esta conduta é mais agradável ao coração de Deus e irá, acima de outras, forçar O seu retorno.

6. Abandono

Neste ponto, devemos começar a ABANDONAR e a ENTREGAR toda a nossa existência a Deus, com a forte e positiva convicção, que as ocorrências momentâneas resultam de sua vontade imediata e permissão, e são exatamente o que o nosso estado necessita. Tal convicção nos fará sentir felizes com todas as coisas; nos fará considerar tudo o que acontece, não do ponto de vista da criatura, mas do ponto de vista de Deus.

Mas, queridos e amados, quem quer que queira se entregar sinceramente a Deus, eu vos imploro a não se retirarem após terem feito a doação; lembrem-se: um presente dado não mais está à disposição de quem o deu.

O abandono é uma questão de grande importância para o progresso; é a chave para a corte interior, de modo que aquele que sabe verdadeiramente se abandonar, rapidamente atinge a perfeição. Devemos, portanto, continuar firmes e imóveis, sem dar ouvidos à razão natural. Uma grande fé produz grande abandono; devemos confiar em Deus, "*esperando contra toda esperança*" (Rm 4,18).

Abandono é perder os cuidados egoístas, para que possamos estar todos ao dispor divino. Todos os cristãos são exortados ao abandono, pois é dito: "*De fato, são os gentios que estão à procura de tudo isso: o vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de todas essas coisas.*" (Mt 6,32). "*em todos os teus caminhos, reconhece-o, e ele endireitará as tuas veredas*" (Pr

3,6). "*Recomenda a Iahweh tuas obras, e teus projetos irão se realizar*" (Pr 16,3). "*Entrega teu caminho a Iahweh, confia nele, e ele agirá*" (SI 37,5).

Portanto, o abandono deve ser tanto ao que diz respeito as coisas internas como externas; abandonar absolutamente todas as preocupações nas mãos de Deus, esquecendo de nós e lembrando somente Dele, por quem o coração permanecerá sempre desimpedido, livre e em paz.O abandono é praticado com o contínuo abandonar da vontade própria na vontade de Deus; renunciando toda inclinação particular, tão logo surja e por melhor que possa parecer, a fim de permanecermos indiferentes com relação a nós mesmos, desejando apenas aquilo que Deus tem desejado desde toda eternidade; nos resignando em todas as coisas, tanto do corpo como da alma, temporária ou eternamente; esquecendo o passado, deixando o futuro para a Providência e devotando o presente a Deus; estejamos satisfeitos com o momento presente, que traz consigo a ordem eterna de Deus; trata-se de uma infalível declaração da Sua vontade, na medida em que é inevitável e comum a todos; que nada do que nos aconteça seja atribuído à criatura, mas a Deus; vejam todas as coisas, exceto os nossos pecados, como infalivelmente procedentes de Deus.

Entreguem-se, então, à orientação e a disposição de Deus, tanto no que se refere ao estado exterior, como interior.

7. Abandono e Sofrimento

Sejam pacientes diante de todo sofrimento; se o amor por Deus é puro, não irão procurá-Lo menos no calvário do que no Tabor; certamente Ele deve ser mais amado nos momentos difíceis do que em outros, já que foi no Calvário que deu a maior demonstração de amor.

Não sejam como aqueles que se doam em um momento e se retiram em outro. Estes se doam apenas para serem acariciados e se arrancam quando são crucificados, ou buscam o consolo das criaturas.

Não, queridas almas, não há consolo em nada senão no amor da cruz e no total abandono;quem não experimenta a cruz, não experimenta as coisas de Deus (veja Mt 16,23). É impossível amar a Deus sem amar a cruz; um coração que experimenta a cruz, considera as coisas mais amargas uma doçura: "*Garganta saciada despreza o favo de mel, garganta*

faminta acha doce todo amargo'" (Pr 27,7); pois, ela tem fome de Deus, na proporção de sua fome pela cruz. Deus nos dá a cruz e a cruz nos dá Deus.

É preciso ter a convicção de que há um avanço interno, quando há um progresso no caminho da cruz; o abandono e a cruz andam de mãos dadas.

Tão logo lhe seja apresentado algo na forma de sofrimento, provocando uma certa repugnância, resigne-se a Deus imediatamente, oferecendo-se a Ele em sacrifício: você irá descobrir então que quando a cruz chegar, não será tão difícil de carregar, pois você a desejou. Isso não nos impede de sentir o seu peso, como alguns acreditam; pois quando não sentimos a cruz, não sofremos. A sensibilidade de sofrer é uma das principais partes do sofrimento em si. Jesus Cristo escolheu enfrentar seu maior rigor. Normalmente suportamos a cruz na fraqueza, às vezes na força; tudo deve ser semelhante para nós na vontade de Deus.

8. Abandono e Revelação

O objetivo deste método é o de eliminar a existência de mistérios gravados na mente; mas, caso isso ocorra, que seja um meio peculiar de compartilhá-los com a alma. Jesus Cristo, a quem nos abandonamos e a quem seguimos como sendo o Caminho, a quem ouvimos como sendo a Verdade e sendo aquele que nos anima como a Vida (Jo 14,6), ao se impregnar na alma, imprimi ali as características destes diferentes estados. Carregar todos os estados de Jesus Cristo, é algo muito maior do que simplesmente meditar sobre eles. São Paulo carregou em seu corpo os estados de Jesus Cristo, "*Doravante ninguém mais me moleste; Pois eu trago em meu corpo as marcas de Jesus*" (Gl 6,17), mas ele não diz imaginar tais estados.

Neste estado de abandono, Jesus Cristo freqüentemente comunica algumas visões peculiares ou revelações de seus estados, o que se deve aceitar agradecidamente; é preciso se colocar à disposição daquilo que parece ser a Sua vontade; receber igualmente qualquer forma que Ele possa usar e não ter outra escolha senão a de buscá-Lo ardentemente, de habitar sempre com Ele e de mergulhar no nada diante Dele; aceitar indiscriminadamente todas as suas dádivas, sejam elas obscuridades ou

iluminação; fecundidade ou infertilidade; fraqueza ou força; doçura ou amargor; tentações, distrações, dores, exaustão ou incerteza, e que nada disso retarde o nosso curso, nem por um minuto.

Deus compromete alguns, por vários anos, na contemplação e na experimentação de um único mistério; sua simples visão ou contemplação recolhe a alma; que sejam fiéis a este momento; mas, tão logo Deus queira retirar esta visão da alma, aceitem livremente a privação. Algumas privações são penosas diante da dificuldade de meditar sobre certos mistérios; mas não há motivos para tal dificuldade, já que um apego amoroso a Deus inclui todo tipo de devoção e aquele que se encontra tranqüilamente unido a Deus, está, de fato, perfeita e efetivamente aplicado a cada mistério divino. Quem ama a Deus, ama a tudo o que lhe pertence.

9. O Abandono e a Vida Santa

É assim que adquirimos virtudes com facilidade e segurança; pois como Deus é o princípio de toda virtude, tudo herda quem O possui; na mesma proporção em que avançamos em direção à sua posse, recebemos as mais eminentes virtudes. Pois, toda virtude é como uma máscara, uma aparência externa, mutável como as nossas vestes, se não forem concedidas do interior; só assim é que se pode dizer de forma genuína, essencial e permanente: "*A filha de Tiro alegrará teu rosto com seus presentes, e os povos mais ricos com muitas jóias cravejadas de ouro*" (Sl 45,13). Estas almas, acima de todas as outras, praticam a virtude nos graus mais elevados, embora não chamem à atenção para nenhuma virtude em particular. Deus, a quem estão unidas, as conduz a sua prática mais extensiva; Ele é extremamente ciumento e não lhes permiti o menor prazer.

Que ânsia pelo sofrimento possui estas almas, que assim ardem em amor divino! Como se precipitariam em austeridades excessivas, se tivessem permissão de seguir a própria inclinação! Não pensam em nada senão como agradar o Amado; começam a negligenciar e a esquecer de si mesmas, e na medida em que cresce o amor a Deus, aumenta também o desinteresse pela criatura.

Uma vez que se atinja esse método, um caminho que serve a todos, desde o mais ignorante ao mais erudito, toda a Igreja de Deus é facilmente reformada! Somente o AMOR é requisitado: "AMEM", diz Santo Agostinho, "e então façam o que quiserem". Pois, quando amamos verdadeiramente, não podemos fazer nada que possa ofender o objeto de nossos sentimentos.

10. Portas Adentro

Digo que é praticamente impossível alcançar a perfeita mortificação dos sentidos e das paixões. A razão é óbvia: a alma dá vigor e energia aos sentidos; os sentidos surgem e estimulam as paixões; um corpo morto não tem sensações, nem paixões, porque sua conexão com a alma está dissolvida. Todos os esforços para simplesmente retificar o exterior impelem a alma a se afastar ainda mais daquilo com que está tenra e zelosamente comprometida. Seus poderes tornam-se difusos e dispersados; pois, sendo sua atenção imediatamente direcionada a austeridade e a outras coisas externas, ela dá vigor a esses mesmos sentidos que deseja subjugar. Pois os sentidos não têm outra origem, de onde deriva seu vigor, do que a aplicação da alma a eles; o grau de sua vida e atividade é proporcional ao grau de atenção que a alma presta a eles. Esta vida dos sentidos se agita e provoca as paixões, ao invés de suprimi-las ou subjugá-las; a austeridade pode, de fato, enfraquecer o corpo, mas pelas razões já mencionadas, nunca pode tirar a vitalidade dos sentidos, muito menos sua atividade.

O único método para efetivar a mortificação é o recolhimento interior, através do qual a alma se volta totalmente e por inteiro para o interior, para possuir um Deus presente. Se direcionar todo seu vigor e energia a isso, esse ato simples a separa dos sentidos e, empregando todos os seus poderes internamente, faz com que eles enfraqueçam; quanto mais perto de Deus, mais separada estará do *EU*. Assim, naqueles em quem as atrações da graça são muito poderosas, geralmente o homem exterior é fraco e débil, inclusive sujeitos a desmaios.

Não quero com isso, desencorajar a mortificação; ela deve sempre acompanhar a oração, segundo o estado e a força individual ou como a obediência demanda. Mas, digo que a mortificação não deve ser nossa

prática principal, nem devemos nos prescrever austeridades, mas simplesmente seguir as atrações internas da graça e nos preocupar com a divina presença; sem pensar particularmente na mortificação, Deus nos permitirá realizar várias espécies de mortificações. Aqueles que sinceramente se abandonam em Deus, Ele não dá descanso até ter subjugado neles tudo o que precisa ser mortificado.

Portanto, sigamos firmes na dedicação a Deus, e tudo será feito perfeitamente. Nem todos são capazes de austeridades externas, mas todos são capazes desta firmeza de atenção; na mortificação de olhos e ouvidos, que bombardeiam continuamente a ocupada imaginação com novos assuntos, há pouco perigo de se cair no excesso; mas Deus irá nos ensinar isso também, só precisamos seguir Seu Espírito.

A alma tem uma dupla vantagem procedendo desta maneira; pois, se retirando de objetivos exteriores, estará se aproximando cada vez mais de Deus; além disso, os poderes e virtudes sustentadores e preservadores secretos que a alma recebe, afasta o homem do pecado, enquanto esse se aproxima de Deus; desta forma, a conversão da alma torna-se firmemente estabelecida por uma questão de hábito.

11. Em Direção Ao Centro

"Voltai para aquele contra o qual se rebelaram tão profundamente os filhos de Israel" (Is 31,6). A conversão nada mais é do que um afastar-se da criatura para retornar à Deus.

Ela não é perfeita quando consiste simplesmente em afastar-se do pecado para voltar-se à graça (embora isso seja bom e essencial para a salvação).

Quando a alma se volta para Deus uma única vez, encontra uma maravilhosa facilidade em continuar firme na conversão; quanto mais ela permanece convertida, mais perto de Deus se aproxima e mais firmemente a Ele se adere; quanto mais é atraída para Ele, se faz necessário que o pai a remova da criatura, que Lhe é tão contrária; isso está tão estabelecido na conversão, que o estado torna-se habitual e natural.Ora, não pensemos que isto ocorre através do violento exercício de seus próprios poderes; pois a alma não é capaz de realizar tal obra, nem buscaria outra cooperação junto à graça divina do que auxiliá-la a se retirar de assuntos

externos, a fim de que se volte para o interior; assim sendo, a alma nada mais tem a fazer além de continuar firme em sua aderência à Deus.

Deus possui uma *virtude atrativa* que atrai a alma para Si de forma cada vez mais poderosa, ao atrair, Ele purifica; o mesmo ocorre com o vapor grosseiro que emana do sol; enquanto ascende gradualmente, ele é rarefeito e se torna puro; de fato, o vapor contribui para sua ascensão apenas por ser passivo; mas a alma coopera livre e voluntariamente.

Este tipo de introversão é muito fácil e faz com que a alma avance naturalmente, sem esforço, porque Deus é o nosso centro. O centro sempre exerce uma virtude atrativa bastante poderosa; quanto mais a alma for espiritual e exaltada, mais violenta e irresistível são as suas atrações.

Além da virtude atrativa do centro, há, em cada criatura, uma forte *tendência à reunião* com seu centro, que é vigorosa e ativa na proporção da espiritualidade e perfeição do sujeito.

Caso algo não se volte para seu centro, é precipitado nesta direção com extrema rapidez, a menos que esteja impedido por algum obstáculo invencível. Uma pedra segura na mão não se encontra desimpedida a ponto de cair na terra, como sendo seu centro, pelo próprio peso. Quando a alma, pelo próprio esforço, recolhe-se, traz consigo a influência da tendência central, ela cai gradualmente para seu próprio centro, sem qualquer outra força além do peso do amor. Quanto mais passiva e tranqüila permanecer e quanto mais livre da passionalidade, mais rápido a alma avança, porque a energia da virtude atrativa central está desobstruída, podendo agir com total liberdade.

Toda nossa preocupação deve estar direcionada em conquistar o maior grau de recolhimento interior possível; que não sejamos desencorajados pelas dificuldades encontradas neste exercício; logo seremos recompensados por Deus com abundantes suprimentos da graça; o trabalho se tornará fácil se sincera e humildemente retirarmos nossos corações das distrações e ocupações exteriores, retornando ao nosso centro, com sentimentos repletos de ternura e serenidade. Quando, em qualquer momento, as paixões estão turbulentas, uma gentil retratação interior para com um Deus presente, basta para extingui-las; quaisquer outras formas de se opor às paixões mais as irritam do que as apaziguam.

12. Oração Contínua

A alma fiel ao exercício de amor e aderência a Deus, descrita acima, fica surpresa ao senti-Lo gradualmente tomar posse de todo o seu ser; ela desfruta de uma contínua sensação da presença, que vai se tornando natural; assim como a oração, a presença divina torna-se uma questão de hábito. A alma sente uma serenidade incomum penetrando gradualmente todas as suas faculdades. O Silêncio constitui agora todo a sua oração; enquanto Deus comunica um amor infundido, que é o princípio da benção inefável.

Ah, se me fosse permitido continuar com este assunto e descrever alguns graus da progressão infinita dos estados subseqüentes? Mas, no momento, escrevo para os principiantes e não devo ir além, mas aguardar o tempo de nosso Senhor para desenvolver o que pode ser aplicado a cada estado.

No entanto, é preciso interromper urgentemente toda auto-ação e auto-aplicação, a fim de que Deus unicamente possa atuar: Ele disse através do profeta Davi: "*Aquietai-vos, e sabei que eu sou Deus*" (Sl 46,10). Mas a criatura está tão desprovida de amor e tão apegada a seu próprio trabalho, que não acredita que isso possa funcionar, a menos que sentir, conhecer e distinguir todas as suas operações. Ignora que a dificuldade de observar seu movimento, é ocasionada pela velocidade de seu progresso; e que as operações de Deus absorvem aquelas da criatura, na medida em que aumenta mais e mais; as estrelas brilham antes do nascer do sol, mas gradualmente vão desaparecendo com o avanço de sua luz e tornam-se invisíveis, não por falta de luz em si, mas pelo excesso de luz no sol.

O mesmo ocorre aqui, pois há uma luz forte e universal que absorve todas as pequenas luzes distintas da alma; elas vão diminuindo e desaparecem sob sua poderosa influência; a atividade própria não mais é distinta.

Aqueles que acusam esta oração de inatividade, carregam um peso que só pode ser atribuído a falta de experiência. Ah, se pudessem ao menos fazer alguns esforços para alcançá-la, rapidamente ficariam cheio de luzes e conhecimento sobre ela!

A aparente inação é, de fato, não uma conseqüência da esterilidade, mas de abundância, como será facilmente percebido pela alma experiente;

ela irá reconhecer que o silêncio está repleto e cheio de unção por causa da plenitude.

Há dois tipos de pessoas que guardam silêncio: aqueles que não tem nada a dizer e aqueles que tem muito a dizer. Este é o caso neste estado; o silêncio é ocasionado pelo excesso e não pela falta.

Afogar-se e morrer de sede são mortes muito diferentes; ainda assim se pode dizer que a água foi a causa de ambas; em um caso o que destrói é a abundância, no outro, a falta. Assim, a plenitude da graça paralisa a atividade do ser; portanto, é de extrema importância manter o máximo de silêncio.

A criança pendurada no seio de sua mãe, é uma ilustração viva do nosso assunto; ela começa a extrair o leite ao movimentar seus pequenos lábios; mas quando seu alimento flui abundantemente, contenta-se em engolir sem esforços; qualquer outra atitude iria machucá-la, derramar o leite e a forçaria a largar o peito.

Devemos atuar da mesma forma no início da oração, ao movimentar os lábios dos sentimentos; mas, tão logo o leite da graça divina flua livremente, nada devemos fazer senão ingeri-la docemente, em quietude; quando ela deixar de fluir, movimentar novamente os sentimentos, assim como a criança movimenta seus lábios. Quem atua de outra forma, não pode fazer melhor uso da graça, que é concedida para levar a alma ao repouso do Amor, e não para empurrá-la para a multiplicidade do ser.

Mas o que ocorre com o bebê que gentilmente e sem esforço bebe o leite? Quem acreditaria que assim receberia a nutrição? Quanto mais pacificamente se alimentar, melhor se desenvolve. O que se torna essa criança? Ela adormece no seio de sua mãe. Assim, a alma tranqüila e pacífica na oração, mergulha freqüentemente num adormecer místico, onde todos os seus poderes ficam em repouso, até que esteja totalmente preparada para este estado, do qual desfruta estas antecipações transitórias. Vejam que nesse processo a alma é guiada naturalmente, sem problemas, esforços, ciência ou estudo.

O interior não é uma fortaleza, para ser tomado com força e violência; mas um reino de paz, que deve ser conquistado unicamente pelo amor. Se alguém pretende seguir o pequeno caminho que apontei, será guiado à *oração infundida.* Deus não necessita de nada extraordinário e

nem muito difícil; pelo contrário, Ele se agrada enormemente pela conduta simples e pueril.

As mais sublimes conquistas na religião, são aquelas facilmente alcançadas; as mais necessárias ordenações são as menos difíceis. O mesmo ocorre para as coisas naturais; se alguém pretende alcançaro mar, deve embarcar num rio, e irá ser conduzido a ele, sem sentir e sem erro. Se quiser ir até Deus, siga este caminho doce e simples, e chegará ao objeto desejado, com uma jornada tão fácil que causará surpresa.

Que possam ao menos tomar o caminho uma vez! Rapidamente irão perceber que tudo o que disse é pequeno, e que a experiência própria os conduzirão muito mais longe! O que temem? Por que não se lançam imediatamente nos braços do AMOR, estendendo-se na cruz para que Ele possa abraçá-los? Que riscos correm ao dependerem unicamente de Deus e ao abandonar-se inteiramente a Ele? Ah, ele não irá decepcionar, mas conceder uma abundância além de suas maiores expectativas; mas aqueles que esperam tudo de si mesmos, devem ouvir esta repreensão de Deus ao profeta Isaias: "*De tanto andar ficaste cansada, mas nem por isso disseste: Isso é de desanimar!*" (Is. 57,10 Vulg).

13. Abundância

A alma que já avançou a este ponto, não precisa de outra preparação além da quietude: pois, a presença de Deus durante o dia, que é o grande efeito, ou melhor, a continuação da oração, começa a ser infundida e é quase ininterrupta. A alma certamente desfruta de bênçãos transcendentes e descobre que Deus está mais intimamente presente a ela do que ela está para si mesma.

O único caminho de encontrá-lo é pela introversão. Tão logo os olhos do corpo se fecham, a alma se entrega à oração: ela se surpreende diante de tão grande graça e desfruta de uma conversa interna, que os assuntos exteriores não podem interromper.

O mesmo pode ser dito sobre as orações da sabedoria: "*com ela me vieram todos os bens*" (Sb 7,11). Pois, as virtudes fluem da alma para o exercício com tanta doçura e facilidade, que lhe parece natural, e a

primavera viva desabrocha abundante e facilmente para todo o bem e numa insensibilidade para todo mal.

Que ela permaneça então fiel a este estado; e cuidado na escolha ou busca de outra disposição que não seja este simples repouso, como preparação tanto para a confissão como para a comunhão, para a ação ou oração; pois sua única vocação é ser preenchida por esta expansão divina. Eu não seria compreendida se falasse sobre as preparações necessárias para as ordenações, mas sim sobre a mais perfeita disposição interior onde podem ser recebidas.

14. Silêncio

"*Mas Iahweh está em Seu santuário sagrado: Silêncio em sua presença, terra inteira!*" (Hab 2,20).

O motivo pelo qual o silêncio interior se faz indispensável é a natureza essencial e eterna do Verbo; ele necessariamente requer disposições na alma correspondentes, em certo grau, à Sua natureza, como uma espécie de capacidade para a Sua própria recepção. A audição é um sentido formado para receber sons e é mais passivo do que ativo; ela recebe, mas não comunica sensações; se quisermos ouvir devemos prestar o ouvido para este fim. Cristo, o Verbo eterno, que deve ser comunicado a alma, a fim de conceder-lhe vida nova, requer a mais intensa atenção à sua voz, assim que nos falar interiormente.

As Sagradas Escrituras freqüentemente nos alerta a ouvir e a estar atento à voz de Deus; Aponto algumas das numerosas exortações a este respeito: "*Atende-me, povo meu, dá-me ouvidos, gente minha! Porque de mim sairá uma lei, farei brilhar o meu direito como uma luz entre os povos*" (Is.51,4); novamente: "*Ouvi-me, vós, da casa de Jacó, tudo o que resta da casa de Israel, vós, a quem carreguei desde o seio materno, a quem levei desde o berço*" (Is 46,3); também nos Salmos: "*Ouve, filha; vê, dá atenção; esquece o teu povo e a casa de teu pai. Então o rei cobiçará a tua formosura; pois ele é o teu Senhor*" (Sl. 45,10,11).

Devemos esquecer de nós mesmos e de todo interesse próprio para escutar e estar atento a Deus; estas duas ações simples, ou melhor,

disposições passivas, produzem o amor de extrema beleza, que Ele mesmo comunica.

O silêncio exterior é bastante requisitado para o cultivo e melhoramento do interior; de fato, é impossível nos voltarmos verdadeiramente ao interior, sem amar o silêncio e o retiro. Deus disse pela boca de seu profeta: "*Portanto, eis que eu a atrairei, e a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração*", sem dúvidas, o ser engajado a Deus internamente é incompatível com o ser exterior guiado por milhares de insignificâncias.

Quando, por conta da fraqueza, nos encontramos descentrados, devemos voltar imediatamente para o interior; esse processo deve ser repetido tão logo ocorra a distração. Não é de grande valia estar recolhido e devotado por uma ou meia hora, se a unção e o espírito da oração não continua conosco durante todo o dia.

15. Uma Nova Visão da Confissão de Pecados

O auto-exame deve sempre preceder a confissão, mas a sua forma deve ser compatível com a alma. O trabalho daqueles que já avançaram ao grau que agora tratamos é abrir totalmente sua alma a Deus; Ele não deixará de iluminá4as e permitir que vejam a natureza peculiar de suas faltas. Este exame, contudo, deve ser pacífico e tranqüilo; devemos contar com Deus, a fim de descobrir e conhecer nossos pecados, muito mais do que com a diligência de nossa própria inspeção.

Quando forçamos o auto-exame, freqüentemente somos traídos e enganados pelo amor próprio, o que conduz ao erro: "*Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem mal*" (Is. 5,20); mas quando mentimos descaradamente diante do Sol da retidão, seus raios divinos tornam os menores átomos visíveis. Devemos, então, perdoar o eu, e abandonar nossas almas em Deus, assim como no exame da confissão.

Quando as almas atingem este tipo de oração, nenhuma falta escapa da repreensão de Deus; assim que cometidas, são imediatamente reprovadas por uma queimação interna e uma dolorosa confusão. Tais são as inspeções Daquele que não possui mal algum a ser consolado; o único

caminho é simplesmente se voltar a Deus e suportar a dor e as correções que Ele inflige.

Na medida em que Ele se torna o examinador incansável da alma, esta não pode mais se examinar; se for fiel ao seu abandono, a experiência provará que é muito mais efetivamente sondada por esta luz divina, do que por seu empenho próprio.

Aqueles que trilham o caminho devem ser orientados na questão da confissão, na qual podem se enganar. Quando começam a prestar contas de seus pecados, ao invés de arrependimento e contrição, devem começar a sentir; descobrem então, que o amor e a tranqüilidade penetram a alma docemente: mas, aqueles que não são propriamente instruídos resistem à esta sensação, e formam um ato de contrição; isso porque ouviram falar, e com verdade, que ela é um requisito. Mas não se dão conta que agindo desta forma perdem a contrição genuína ou o amor infundido, que supera infinitamente qualquer efeito produzido pela auto-correção; a contrição genuína permite a compreensão de outros atos como parte de um ato principal, em uma perfeição muito mais elevada, do que se fossem considerados distintamente. Não se preocupem em atuar de outra forma, sendo que Deus atua tão perfeitamente em neles e por eles. Desprezar o pecado desta forma, é desprezá-lo da mesma forma que Deus o faz. O amor mais puro é aquele que é de imediata operação na alma; por que então devemos ficar tão ansiosos pela ação? Permaneçamos no estado que ele nos designa, concordando com as instruções do homem sábio: "*Não admires a conduta do pecador, mas confia no Senhor e permanece no teu trabalho*" (Ec 11,22).

A alma se surpreenderá também diante da dificuldade de lembrar de suas faltas. Isso, porém não deve causar desconforto, primeiro porque o esquecimento de nossas faltas é uma prova de nossa purificação com relação a elas; neste grau de desenvolvimento, é melhor esquecer todo tipo de preocupação, a fim de que possamos nos lembrar unicamente de Deus. Em segundo lugar, porque, quando a confissão é um dever, Deus não deixará de mostrar nossas maiores faltas, já que Ele próprio nos examina; a alma sentirá o fim do exame mais bem realizado, do que poderia ser através de nossos próprios esforços.

Estas instruções, contudo, seriam todas incabíveis aos graus precedentes, enquanto a alma continua em seu estado ativo, quando é certo e necessário que em todas as coisas deve se exercer, na proporção de

seu avanço. Eu exorto aqueles que chegaram a este estado mais avançado, que sigam estas instruções, e não variem suas ocupações simples, mesmo ao aproximarem-se da comunhão; que permaneçam em silêncio, e permitam que Deus atue livremente. Ele não pode ser mais bem recebido do que por Ele mesmo.

16. A Escritura

Neste estado, o método da leitura deve ser interrompido quando nos sentirmos recolhidos; permaneçamos então, quietos, lendo pouco e sempre deixando a leitura quando atraídos internamente.

A alma chamada a um estado de silêncio interior, não deve se ocupar de orações vocais; sempre que fizer uso delas e encontrar ali uma dificuldade e uma atração ao silêncio, que não faça uso da compulsão de perseverar, mas que se entregue aos impulsos internos, a não ser que a repetição destas orações seja uma obrigação. Em qualquer outro caso, é muito melhor não se queimar com nenhum apego à repetição de fórmulas, mas se deixar conduzir pelo Espírito Santo; desta forma, toda espécie de devoção é alcançada num grau mais eminente.

17. Oração de Pedidos?

A alma não deveria se surpreender ao se sentir incapaz de oferecer a Deus as petições que tem formalizado com facilidade; pois, neste estado, o Espírito intercede por ela de acordo com a vontade de Deus; é esse Espírito que auxilia nossas enfermidades; "*Assim também o Espírito socorre a nossa fraqueza, Pois não sabemos o que pedir como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis*" (Rm 8,26). Devemos seguir os projetos de Deus, que tendem a nos desvestir de toda operação própria, para que as Suas possam substituí-las.

Que assim seja então em cada um de nós; não estejamos atados a nada, por melhor que possa parecer; nada é válido, se de alguma forma nos afasta daquilo que Deus deseja para cada um de nós. A vontade divina é mais valiosa que qualquer outro bem. Afastemos então todo

interesse próprio e vivamos pela fé e pelo abandono; é neste ponto que aquela fé genuína começa a operar.

18. Distrações

Em caso de nos desviarmos por coisas externas ou cometermos uma falta, devemos nos voltar para o interior imediatamente; pois tendo com isso nos afastado de Deus, é preciso voltar para Ele o mais rápido possível, sofrendo a pena que Ele inflige.

É muito importante evitar a inquietação por conta de nossas faltas; ela surge de uma raiz secreta do orgulho, e de um amor pela nossa própria excelência; somos feridos ao sentirmos o que somos.

Se nos desencorajamos, enfraquecemos ainda mais; e das reflexões sobre nossas imperfeições, surge uma mortificação, que normalmente é pior do que as próprias imperfeições.

A alma verdadeiramente humilde não se surpreende diante de seus defeitos e faltas; quanto mais miserável se considera, mais se abandona a Deus, forçando uma aliança mais íntima com Ele, diante da necessidade que sente de seu auxílio. Devemos preferir a indução desta atuação, como o próprio Deus disse: "*Vou instruir-te, indicando o caminho a seguir, com os olhos sobre ti, eu serei teu conselho*". (Sl, 32,8).

19. Tentação

Um confronto direto com as distrações e as tentações só serve para aumentá-las e extrair a alma da aderência a Deus, que deveria ser sua única ocupação. Deveríamos simplesmente nos voltar contra o mal, e nos aproximar cada vez mais de Deus. Uma criancinha, ao perceber um monstro, não espera para lutar com ele, e dificilmente volta seus olhos para ele, mas rapidamente se encolhe no seio de sua mãe, garantindo sua segurança. "*Deus está no meio dela*", diz o Salmista, "*jamais será abalada. Deus a ajudará desde antemanhã.*". (Sl. 46,5).

Se atuarmos de outra forma, tentarmos atacar os inimigos com a nossa fraqueza, fatalmente iremos nos ferir, quando não totalmente

derrotados; mas, permanecendo simplesmente na presença de Deus, encontraremos suplementos de força a nos apoiar. Esta era a fonte de Davi: "*Coloco Iahweh à minha frente sem cessar, com ele à minha direita eu nunca vacilo. Por isso meu coração se alegra, minhas entranhas exultam e minha carne repousa em segurança*" (Sl 16 8,9). No Êxodo é dito: "*O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis*" (Ex. 14,14).

20. Consumido

A devoção e o sacrifício fazem parte da oração, a qual, segundo São João, é um incenso cuja fumaça ascende a Deus; portanto, é dito no Apocalipse: "*Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensório de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos*" (Ap. 8,3).

A oração é a efusão do coração na presença de Deus: "*venho derramando a minha alma perante o Senhor*", disse a mãe de Samuel (1 Sm. 1,15). A oração dos Reis Magos aos pés de Cristo no estábulo de Belém, foi indicada pelo incenso que ofereceram.A oração é um certo calor de amor derretendo, dissolvendo e sublimando a alma, fazendo com que ascenda a Deus; como a alma encontra-se dissolvida, o odor dela emana; estas doces exalações procedem do fogo do amor consumidor.

Isso está ilustrado nos Cânticos (Ct 1,12), onde a esposa diz: "*Enquanto o rei está assentado à sua mesa, o meu nardo exala o seu perfume*". A mesa é o centro da alma; quando Deus está ali e sabemos como habitar por perto e nos manter com Ele, a sagrada presença gradualmente dissolve a dureza da alma; ao se derreter, uma fragrância é exalada; É assim que o Amado fala sobre sua esposa, ao ver sua alma derreter enquanto fala: "*Que é isso que sobe ao deserto, como colunas de fumo, perfumado de mirra e de incenso?*" (Ct. 3,6).

A alma ascende a Deus ao entregar o EU ao poder destruidor e aniquilador do amor divino. Esse é um estado de sacrifício essencial à religião Cristã, no qual a alma permite ser destruída e aniquilada, a fim de prestar reverência à soberania de Deus; é como está escrito: "*O poder do Senhor é grande e Ele só é honrado pelos humildes*" (Ec 3,21). Pela destruição do EU, reconhecemos a suprema existência de Deus. Devemos deixar de existir no EU, a fim de que o Espírito do Verbo Eterno possa existir em

nós: é desistindo da própria vida, que damos lugar à sua chegada; ao morrer para nós, fazemos com que Ele viva em nós.

Devemos entregar todo o nosso ser a Jesus Cristo e deixar de viver em nós mesmos, para que Ele se torne a nossa vida; "*porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus*" (Col.3,3). "*Passem para mim*", diz Deus, "*todos vós que buscam a mim com sinceridade*" (Ec.24,16). Mas como é este passar para Deus? Não é outra coisa senão nos deixar e nos abandonar, para que possamos estar perdidos em Deus; isso só pode ser efetivado pela aniquilação, a qual constituindo-se na verdadeira oração de adoração, devota unicamente à Deus todo **louvor, honra, glória e domínio, pelos séculos dos séculos** "*(Ap. 5,13).*

Esta oração da verdade é "adorar a Deus em Espírito e em Verdade" (Jo 4,23). "Em Espírito", porque penetramos a pureza daquele Espírito que ora em nosso interior e somos retirados de nosso próprio método carnal e humano; "*Em Verdade*", porque somos assim, situados na verdade do todo de Deus, e do nada da criatura.

Não há mais nada do que estas duas verdades, o TODO e o NADA; tudo o mais é falsidade. Podemos prestar homenagem ao TODO de Deus, somente em nossa própria aniquilação; esta não é alcançada antes que Ele, que nunca sofreu qualquer anulação na natureza, nos preencha instantaneamente de Si mesmo.

Ah, se pelo menos conhecêssemos as virtudes e as bênçãos que a alma extrai desta oração, não teríamos vontade de fazer qualquer outra coisa; Trata-se *da pérola de grande valor; o tesouro oculto, (Mt. 13 44,45);* aquele que a encontra, venderia livremente todos os seus bens para possuí-la; é a roda da água viva, de onde brota toda vida. É a adoração de Deus "*em espírito e em verdade*" (Jo 4 14,23); é a completa atuação dos mais puros preceitos evangélicos.

Jesus Cristo nos assegura de que "*o reino de Deus está dentro de nós*". (Lc 17,21) o que é verdade em dois sentidos: primeiro, quando Deus torna-se o Mestre e o Senhor pleno em nós; quando nada resiste ao seu domínio e nosso interior transforma-se em seu reino; quando possuímos a Deus, que é o Bem Supremo, também possuímos seu reino, onde há plenitude de alegria e onde alcançamos o fim de nossa criação. Assim, é dito: "*servir a Deus é reinar*". O fim de nossa criação, de fato, é desfrutar de Deus, até mesmo nesta vida; mas, quem pensa assim?

21. Silêncio – Nas Profundezas

Algumas pessoas quando ouvem falar da oração do silêncio, imaginam erroneamente que a alma permanece obtusa, morta e inativa; mas, inquestionavelmente, ela age de forma mais nobre e extensiva do que jamais tenha agido anteriormente; pois, o próprio Deus é seu motor e ela se movimenta pela ação de Seu Espírito. São Paulo nos teria **"guiado pelo Espírito de Deus".** (Rm 8,14).

Não significa que devemos interromper a ação, mas sim atuar através da intermediação interna de sua graça. Isso está muito bem representado pela visão das rodas do profeta Ezequiel, que possuíam um Espírito vivo; onde fosse o Espírito elas o acompanhavam; elas subiam e desciam, pois o Espírito da vida estava nelas, e quando iam não retornavam. (Ez 1 18,21). Da mesma forma, a alma poderia servir a vontade deste espírito vivificante, que nela se encontra, seguindo voluntariamente apenas o seu movimento. Estes movimentos nunca tendem ao retorno nas reflexões sobre as criaturas ou sobre o EU; ao contrário, vão sempre adiante, num incessante aproximar-se do fim.

Esta atividade da alma se apresenta com a maior tranqüilidade. Quando ela age por si só, o ato é forçado e contrariado e, portanto, mais facilmente distinguível; mas quando a ação está sob a influência do Espírito da Graça, ela é tão livre, fácil e natural, que parece como que se não agisse. "*Trouxe-me para um lugar espaçoso; livrou-me porque ele se agradou de mim*" (Sl. 18,19).

Quando a alma está centrada ou, em outras palavras, volta ao recolhimento, a atração central dá início a mais potente atividade, superando infinitamente em energia qualquer outra espécie. Nada, de fato, pode igualar a velocidade desta tendência ao centro; e ainda que seja uma atividade, ela é tão nobre, pacífica e cheia de tranqüilidade, tão natural e espontânea, que aparece para a alma como se não fosse nada.

Quando uma roda gira lentamente é possível perceber suas partes; mas, quando seu movimento é rápido não se distingue nada. Então, a alma que repousa em Deus, possui uma atividade muito mais nobre e elevada, ainda que ambas sejam pacíficas; quanto mais pacífica ela for,

mais rápido é o seu curso; porque está se entregando àquele Espírito pelo qual é movida e direcionada.

Este Espírito que atrai não é outro senão o próprio Deus, que ao nos atrair, nos faz correr para Ele. Como compreende isso a esposa, quando diz: "*Leva-me após ti, apressemos-nos*" (Ct. 1,4). Atraia-me para Ti, O meu centro divino, pelo secreto surgimento da minha existência, e todos os meus poderes e sentidos Te seguirão! Esta simples atração é tanto um ungüento para cura como um perfume para o encantamento: nós seguimos, ela diz, a fragrância de teus perfumes; embora a atração seja tão poderosa, é seguida pela alma livremente, sem constrangimento; pois é igualmente deleitoso e impetuoso; e enquanto atrai pelo seu poder, nos carrega por sua doçura. "Atraia-me", diz a esposa, "e iremos correr atrás de Ti". Ela fala de si e para si: "atraia-me" - manteve a unidade do centro que é atraído! "iremos correr" - manteve a correspondência e o curso de todos os sentidos e poderes em seguir a atração do centro!

Ao invés de uma animadora lentidão, promovemos uma alta atividade ao incorporar uma total dependência do Espírito de Deus, como o princípio que nos move; *pois Nele vivemos, nos movemos e existimos* (At. 17,28). Esta humilde dependência do Espírito de Deus é indispensavelmente necessária, e faz com que a alma logo se atenha à unidade e simplicidade na qual foi criada.

Devemos, portanto, abandonar nossas múltiplas atividades, para penetrar a simplicidade e a unidade de Deus, em cuja imagem fomos originalmente formados (Gn 1,27). "*O Espírito é **um** em múltiplo*" (Sab. 7,22); sua unidade não impede sua multiplicidade. Entramos em sua unidade quando estamos unidos ao seu Espírito, e desta forma temos um e o mesmo espírito com Ele; somos múltiplos com relação a execução exterior de sua vontade, sem abandonar nosso estado de união.

Assim, quando somos totalmente movidos pelo Espírito Divino, que é infinitamente ativo, nossa atividade deve, de fato, ser mais energética do que aquela que nos é própria. Devemos nos render à orientação da sabedoria, "*A sabedoria é mais móvel que qualquer movimento e, por sua pureza, tudo atravessa e penetra*" (Sb. 7,24) e abdicando da dependência de sua ação, nossa atividade será verdadeiramente eficiente.

"Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1,3). Deus nos formou originalmente em sua

própria imagem e semelhança. Ele soprou em nós o Espírito de seu Verbo, aquele Sopro de Vida (Gn 2,7) que nos deu no momento da criação, que consiste na participação da imagem de Deus. Ora, esta VIDA é uma, simples, pura, íntima e sempre fecunda.

Tendo o demônio quebrado e deformado a imagem divina na alma através do pecado, a intersessão daquele mesmo Verbo soprado no momento de nossa criação, torna-se absolutamente necessária para a renovação. Era necessário que fosse Ele, porque Ele é a imagem expressa de seu Pai; nenhuma imagem pode ser reparada por seu próprio esforço, mas deve permanecer passiva para este fim, nas mãos daquele que labora.

Nossa atividade deve consistir em nos colocarmos num estado de suscetibilidade às impressões divinas e ter flexibilidade com todas as operações do Verbo Eterno. Enquanto uma tela não está fixa, o pintor não pode produzir uma pintura correta sobre ela; cada movimento do EU produz contornos errôneos; isso interrompe a obra e deforma o projeto deste adorável Pintor. Devemos então, permanecer em paz, e nos movimentarmos apenas quando Ele se movimenta em nós. "*Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo*" (Jo 5,26) e Ele deve dar vida a cada forma vivente.

O espírito da Igreja de Deus é o espírito do divino movimento. Seria ela idólatra, estéril ou infrutífera? Não; ela atua, mas sua atividade depende do Espírito de Deus, que a move e a governa. O mesmo deve acontecer com seus membros; para que sejam filhos espirituais da Igreja, devem ser movimentados pelo Espírito.

Como toda ação só pode ser estimada na proporção da grandeza e dignidade do princípio eficiente, esta ação é incontestavelmente mais NOBRE do que qualquer outra. Ações produzidas por um princípio divino, são DIVINAS; mas, ações da criatura, por melhor que possam parecer, são apenas HUMANAS, ou pelo menos virtuosas, mesmo que acompanhadas pela graça.

Jesus Cristo diz que Ele tem a Vida em Si: todos os outros seres possuem apenas uma vida emprestada; mas o Verbo possui a Vida em Si; comunicando a sua natureza, deseja concedê-la ao homem. Devemos fazer um espaço para os influxos desta vida, o que só ocorre pela expulsão e perda da vida Adâmica e da supressão da atividade do ser. Isto está de acordo com a afirmação de São Paulo: "*E assim, se alguém está em Cristo,*

é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Cor 5, 17), mas este estado só pode ser conquistado morrendo para nós mesmos e para todas as nossas atividades próprias, para que possam ser substituídas pela atividade de Deus.

Jesus Cristo exemplificou no Evangelho. Marta fez o que era correto; mas, como fez em seu próprio espírito, Cristo a reprovou. O espírito do homem é inquieto e turbulento; por esta razão ele realiza pouco, embora pareça fazer grande coisa. "*Marta*", diz o Cristo, "*andas inquieta e te preocupa com muitas coisas;. Entretanto, pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa; Maria pois escolheu aboa parte e esta não lhe será tirada*". (Lc 10 41,42). E o que fez de Maria a escolhida? Repouso, tranqüilidade e paz. Ela aparentemente havia parado de agir, para que o Espírito de Cristo agisse nela; ela parou de viver, para que Cristo pudesse ser a sua vida.

Isso mostra quão necessário é a renúncia de nós mesmos e de toda nossa atividade, para seguir o Cristo; pois não podemos segui-lo, se não formos animados pelo seu Espírito. Para que seu espírito possa ser admitido, é preciso que o nosso seja banido: "*Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele*" (1 Cor. 6,17). Davi disse que *era bom estar junto a Deus e Nele colocar o seu refúgio* (Sl 73,28). O que é estar junto a Deus? É o princípio da união.

A união divina tem o seu começo, seu progresso, suas conquistas e sua consumação. A princípio, ela é uma inclinação para com Deus. Quando a alma se encontra introvertida, do modo já descrito, adquire a influência da atração central, e um ardente desejo de união; este é o começo. A alma se adere a Ele na medida em que mais se aproxima e finalmente se torna um, ou seja, um espírito com Ele; então aquele espírito que se afastou de Deus, retorna ao seu fim.

Neste caminho, se faz necessário que penetremos o que é movimento divino e espírito de Jesus Cristo. São Paulo diz: "*Se alguém não tem o espírito de Cristo, não pertence a ele*" (Rm 8,9); portanto, para ser de Cristo, é preciso estar preenchido do seu Espírito, e vazio do nosso próprio. O Apóstolo, na mesma passagem, prova a necessidade de sua divina influência: "*Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*" (Rm 8,14).

O espírito da filiação divina é, então, o espírito do movimento divino: ele acrescenta "Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai (Rm 8, 15). Este espírito é o espírito de Cristo, através do qual participamos de sua filiação; "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8,16).

Quando a alma se entrega à influência deste Espírito abençoado, percebe o testemunho de sua divina filiação; ela sente também, com redobrada satisfação, que recebeu, não o espírito da escravidão, mas o da liberdade, a liberdade dos filhos de Deus; descobre que age livre e docemente, ainda que com vigor e infalibilidade.

O espírito da ação divina é tão necessário em todas as coisas, que São Paulo, na mesma passagem comenta sobre a dificuldade em saber o que pedir quando oramos: "*O Espírito socorre a nossa fraqueza. Pois não sabemos o que pedir como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis*" (Rm 8,26): Isso basta. Se não sabemos o que precisamos e nem orar como convém, e se o Espírito que está em nós, e ao qual nos resignamos, deve pedir por nós, não deveríamos permitir que Ele dê abertura aos inefáveis gemidos à nosso favor?

Este Espírito é o Espírito do Verbo, que é sempre ouvido, enquanto diz a Si mesmo: "*Eu sabia que sempre me ouves*" (Jo 11,42); se admitirmos livremente que este Espírito ore e interceda por nós, também seremos sempre ouvidos. Por que? Aprendamos do mesmo grande Apóstolo, o Místico habilidoso e Mestre da vida interior, quando acrescenta: "*e aquele que perscruta os corações sabe qual o desejo do Espírito; pois, é segundo Deus que ele intercede pelos santos*" (Rm 8,27); ou seja, o Espírito demanda apenas o que está em conformidade com a vontade de Deus. A vontade de Deus é que sejamos salvos e que nos tornemos perfeitos. Ele, portanto, intercede para que seja feito todo o necessário para a nossa perfeição.

Por que então, deveríamos perder tempo com coisas supérfluas, e nos perder na multiplicidade de nossos caminhos, sem ao menos dizer, vamos descansar em paz. O próprio Deus nos convida a deixar todas as preocupações por Ele; Ele reclama em Isaias, com inefável bondade, que a alma tem desperdiçado seus poderes e seus tesouros com milhares de questões exteriores, quando há tão pouco a fazer para obter tudo o que precisa e deseja: "*Por que gastais dinheiro com aquilo que não é pão, e o produto*

do vosso trabalho com aquilo que não pode satisfazer? Ouvi-me com toda atenção e comei o que é bom: haveis de deleitar-vos com manjares revigorantes" (Is. 55,2).

O se ao menos conhecêssemos as bençõe de ouvir a Deus, e como a alma se fortalece com isso! "*Silêncio, toda carne, diante do Senhor*" (Zc 2,13); tudo deve parar tão logo Ele apareça. Mas para nos comprometermos ainda mais a um abandono, sem reservas, Deus nos assegura, através do mesmo profeta, de que nada devemos temer, porque ele cuida especialmente de nós: "*Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem eu não me esqueceria de ti*" (Is. 49,15). Ó, palavras repletas de consolo! Quem então temeria abandonar-se totalmente à orientação de Deus?

22. O Estado Constante

Os atos são distintos em interiores e exteriores. Exteriores são os que aparecem externamente, têm relação com algum assunto perceptível e não tem caráter moral, exceto aqueles derivados do princípio do qual procedem. Pretendo tratar aqui unicamente dos atos interiores, as energias da alma, através das quais ela se volta internamente para alguns assuntos e se afasta de outros.

Se durante minha devoção a Deus, tivesse que formar uma vontade para transformar a natureza de meu ato, deveria me afastar de Deus e me voltar para assuntos criados, num maior ou menor grau, segundo a força do ato: e se, quando estiver voltada para a criatura, quisesse retornar a Deus, deveria necessariamente formar um ato para este propósito; quanto mais perfeito for este ato, mais completa é a conversão.

Até que esta conversão seja perfeita, muitos atos reiterados são necessários; pois a conversão ocorre de forma progressiva, embora para alguns seja instantânea. Meu ato, contudo, deve se constituir num contínuo voltar-se para Deus, um exercício de cada faculdade e poder da alma puramente por Ele, de acordo às instruções do filho de Sirac: "*Ilude tuas inquietações, consola teu coração, afasta para longe a tristeza*" (Ec 30,24); e ao exemplo de Davi: "*Vou manter toda minha força por ti*" (SI 59,9, vulg.); isso se faz através do reentrar em nós mesmos; é como diz Isaias: "*Volte-se para o seu coração*" (Is 46,8 vulg.). Pois, nos desviamos de nossos corações

através do pecado, e é unicamente o nosso coração o que Deus requer: "*Meu filho, dá-me o teu coração, e que teus olhos gostem dos meus caminhos*" (Pr. 23,26). Entregar o coração a Deus, é ter toda a energia da alma centrada Nele, sempre, a fim de estarmos de acordo com Sua vontade. Devemos, portanto, continuar invariavelmente voltados a Deus, desde nossa primeira petição.

Mas, sendo o espírito instável, e a alma acostumada a se voltar para o exterior, distrair-se é muito fácil. Este mal pode ser contido se nos recolocarmos instantaneamente Nele, tão logo percebamos o desvio, com um ato puro de retorno a Deus; tal ato deve ser mantido enquanto durar a conversão, pela poderosa influência de um simples e sincero retorno a Deus.

Como muitos atos reiterados formam um hábito, a alma adquire o hábito da conversão; e aquele ato distinto e anteriormente interrompido torna-se habitual.

A alma não precisa ficar perplexa, então, sobre formar um ato já mantido, e que, de fato, não se pode tentar formar sem grande dificuldade; ela até descobre que é retirada de seu próprio estado, com a pretensão de buscar aquilo que é, na realidade, adquirido, tendo em vista o hábito já formado, e que é confirmado na conversão e no amor habitual. Trata-se de buscar um ato com o auxílio de muitos, ao invés de se apegar a Deus por um único ato simples.

Devemos frisar, que às vezes formamos muitos atos distintos porém, simples; o que mostra que estivemos perdidos, e que reentramos em nosso coração após ter dele se afastado; assim que reentramos ali, devemos permanecer em paz. Erramos, portanto, ao supor que não devemos formar atos; *os formamos continuamente:* mas que estejam de acordo com o grau de nosso avanço espiritual.

A grande dificuldade da maioria das pessoas espiritualizadas surge da não compreensão deste assunto. Alguns atos são *transitórios* e *distintos,* outros são *contínuos;* alguns são *diretos,* outros *reflexivos.* Nossos atos não podem ser todos breves e distintos; nem todos estão num estado apropriado para serem contínuos. Os primeiros são próprios daquele que se extraviou; este precisa se esforçar mais, de acordo com a extensão de seu desvio; se o desvio é irrelevante, um ato simples é suficiente.

Ato *contínuo* é aquele pelo qual a alma se encontra totalmente voltada para Deus por um ato *direto,* que é sempre permanente e que nunca é renovado, a menos que interrompido. Quando a alma se encontra neste estado ela está em caridade e habita na caridade; "*E nós temos reconhecido o amor de Deus por nós, e nele acreditamos. Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele*" (1 Jo 4, 16). A alma, então, existe e repousa neste ato habitual. Ela está livre da lentidão pois, ainda há um ato ininterrupto e permanente, que é um *doce mergulhar na Divindade,* cuja atração se torna mais e mais poderosa. Seguindo está potente atração e habitando no amor e na caridade, a alma mergulha continuamente e mais profundo naquele Amor, mantendo uma atividade infinitamente mais poderosa, vigorosa e efetiva do que aquela que serviu para alcançar seu primeiro retorno.

Ora, a alma profunda e vigorosamente ativa, totalmente entregue a Deus, não percebe este ato, porque se trata de um ato direto e não reflexivo. Esta é a razão pela qual alguns, não se expressando adequadamente, afirmam não atuar; isso é um engano, pois nunca estiveram mais verdadeira e nobremente ativos; deveriam dizer que não distingue seus atos, e não que não agem. Garanto que não agem por eles mesmos; mas, são atraídos e seguem a atração. O Amor é o peso que os fazem mergulhar. Como alguém que cai no mar, mergulhariam mais e mais fundo por toda eternidade, se o mar fosse infinito, para que pudessem, sem perceber a descida, gotejar com inconcebível rapidez nas maiores profundezas.

É portanto, impróprio dizer que não atuamos; todos formamos atos, mas a maneira que o formamos não é a mesma para todos. O erro ocorre aqui: todos os que sabem que devem atuar desejam fazê-lo de forma distinta e perceptível; isso não é possível; atos sensíveis são para principiantes; há outros para aqueles num estado mais avançado. Parar com os primeiros, que são fracos e pouco benéficos, é nos privar dos segundos; da mesma forma, tentar alcançar o segundo, sem passar pelo primeiro não é um erro menor.

"*Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu*"*(Ec* 3,1): todo estado tem seu início, seu progresso e sua consumação; trata-se de um erro infeliz parar no princípio. Não há ciência senão onde houver progresso; primeiro, trabalhamos pesado, mas no final, colhemos o fruto do nosso esforço.

Quando uma caravela está no porto, os marinheiros são obrigados a empregar toda força, a fim de limpá-la a tempo e colocá-la ao mar; depois podem diminuir o ritmo. Da mesma forma, enquanto a alma permanece no pecado e na criatura, muitos esforços são requisitados para efetivar sua liberdade; os cabos que a prendem devem ser soltos; com grandes e vigorosos esforços a alma concentra-se no interior, sendo dragada gradualmente do velho porto do Eu; deixando-o para trás, prossegue, mais e mais, ao interior ou ao céu tão desejado.

Quando a caravela inicia viagem deixa a praia ao longe; quanto mais longe está da terra, menor trabalho é requisitado para avançar. Aos poucos ela se torna fácil de navegar, e segue rapidamente seu curso, a ponto de se colocar os esforços de lado. Com que se ocupa então o capitão? Contenta-se em espalhar as velas e segurar o leme. Espalhar as velas é curvar-se diante de Deus, na oração da simples exposição, a fim de ser movimentado por seu Espírito; segurar o leme é impedir que o coração se desvie do verdadeiro curso, chamando-o novamente e de forma gentil para que seja guiado com firmeza pelos ditames do Espírito de Deus, que gradualmente ganha posse do coração, assim como a brisa empurra as velas e movimenta o barco. Enquanto os ventos são calmos, os marinheiros e o capitão descansam do trabalho. Que progresso eles garantem agora, sem grandes esforços! Avançam mais em uma hora, enquanto descansam e deixam a caravela ao vento, do que avançavam em um longo período de tempo e por seus próprios esforços; mesmo que quisessem se esforçar mais, neste momento, além de se cansarem iriam apenas retardar a caravela com esforços inúteis.

Assim é o nosso próprio curso interior; avançamos mais pelo impulso divino, num curto espaço de tempo, do que através de muitos atos reiterados de auto-esforço. Quem se arriscar neste caminho, verá que é o mais fácil do mundo.

Se o vento for contrário e trazer uma tempestade, devemos lançar âncora ao mar, para segurar o barco. Esta âncora é simplesmente a confiança em Deus e a esperança em sua bondade, aguardando pacientemente o acalmar da tempestade e o retorno de um vento favorável; assim fez Davi: "*Esperei ansiosamente por Iahweh: ele se inclinou para mim e ouviu o meu grito*" (Sl. 40,1). Devemos nos resignar ao Espírito de Deus, nos entregando totalmente à Sua orientação.

23. Aos Obreiros Cristãos

Ao chegarmos perto do fim deste pequeno livro, gostaria de dirigir-me, numa palavra de exortação, aos obreiros cristãos que estão encarregados de novos convertidos.

Consideremos a presente situação. Ao nosso derredor, muitos cristãos estão procurando converter os perdidos a Jesus Cristo. Qual a melhor maneira de fazê-lo? E, uma vez que se tenham convertido, qual a melhor maneira de ajudá-los para que alcancem plena perfeição em Cristo?

O modo de alcançar os perdidos é pelo coração. Se um novo convertido for introduzido à verdadeira oração e à verdadeira experiência interior com Cristo, tão logo seja convertido, você verá um incontável número de convertidos tornando-se verdadeiros discípulos.

Por outro lado, pode-se ver que a maneira usada para tratar com eles, isto é, lidando com os assuntos externos de suas vidas, traz pouco fruto. Sobrecarregando os novos convertidos com incontáveis regras e toda sorte de padrões, não os ajudamos a crescerem em Cristo. Eis aqui o que deve ser feito: o novo cristão deve ser conduzido a Deus! Como? Aprendendo a voltar-se interiormente para Jesus Cristo e dando ao Senhor todo seu coração.

Se você é um dos encarregados de novos convertidos, guie-os a um real conhecimento interior de Cristo Jesus. Oh, que diferença haveria nas vidas desses novos cristãos! Considere os resultados! Veríamos o simples agricultor, gastando os seus dias na bênção da presença de Deus, enquanto ara seu campo. O pastor, enquanto vigia seus rebanhos, teria o mesmo desprendido amor pelo Senhor que marcou os cristãos primitivos. O operário, enquanto a trabalhar com seu homem exterior, seria removido com fortalecimento em seu homem interior.

Veríamos cada uma dessas pessoas a retirar de sua vida cada tipo de pecado; todos se tornariam homens e mulheres espirituais, com seus corações postos no conhecimento e na experiência de Jesus Cristo.

Para o novo convertido – de fato, para todos nós – o coração é de todo importante, se quisermos avançar em Cristo.

Uma vez que o coração seja conquistado por Deus, tudo o mais se acertará, oportunamente. Esta é a razão pela qual Ele requer o coração sobre tudo o mais.

Querido leitor, é ganhando seu coração, e não por outro meio qualquer, que seus pecados podem ser abandonados. Se o coração puder ser ganho, Jesus Cristo reinará em paz, e toda a Igreja será renovada.

De fato, estamos discutindo a própria coisa que fez com que a Igreja Primitiva perdesse sua vida e sua beleza. Foi a perda de uma relação profunda, interior, espiritual, com Cristo.

Contrariamente, a Igreja poderia ser restaurada logo se essa relação interior fosse recuperada!

Isso não é tudo! Exatamente agora, líderes cristãos estão muito preocupados, com medo de que o povo do Senhor venha a cair em algum erro doutrinário. Oh, mas quando os cristãos crêem em Jesus Cristo e se aproximam Dele, não há o menor perigo de que tal coisa venha a acontecer!

Você pode estar certo de que se um cristão afastar-se do Senhor, pode discutir doutrina e envolver-se em argumentos durante o dia todo, mas nada disso o ajudará! Discussões sem fim apenas trazem mais confusão. O que cada crente necessita é de alguém que o dirija para a simples fé em Cristo Jesus e a voltar-se intimamente para Ele. Se qualquer crente assim o fizer, logo será levado à comunhão com Deus.

Que tremendo dano os novos cristãos – de fato, a maioria dos cristãos – sofrem por causa da perda de uma relação espiritual, interior, com Jesus Cristo.

Vocês que estão em autoridade sobre crentes novos, um dia darão contas a Deus por aqueles que lhes foram confiados pelo Senhor. Terão que dar contas do fato de não terem descoberto para vocês mesmos este tesouro oculto – esta relação interior com Cristo – e também serão avaliados por não terem dado esse tesouro àqueles que estão sob seu encargo. Naquele dia, vocês não serão desculpados, por dizerem que este caminhar com o Senhor é muito perigoso, ou que as pessoas simples, sem instrução, são incapazes de entender as coisas espirituais. A Escritura simplesmente não valida tais excusas.

E a respeito de perigos deste andar, há algum? Que perigo pode haver no único verdadeiro caminho: em Cristo Jesus? Que perigo há em dar-se completamente ao Senhor Jesus e em fixar toda sua atenção continuamente Nele? Pode advir qualquer ameaça pelo fato de você colocar toda sua confiança em Sua graça e em amá-Lo puramente com todo o amor e paixão de que seu coração for capaz de derramar?

Quanto aos simples e não instruídos, não é verdade que sejam incapazes desta relação interior com Cristo. O contrário é que é verdadeiro. São estes, de fato, os mais dispostos a isso.

O Senhor ama os que andam de modo simples (Pv 12.22). Sua humildade, sua natural confiança em Deus, e sua obediência, tornam mais fácil o voltarem-se para dentro e seguirem o Espírito do Senhor. Para isso, estão mais qualificados do que a maioria! Veja: esses crentes simples não estão acostumados a análises, não têm o hábito de discutir pontos de debate de todas as coisas, estão prontos a abandonar suas próprias opiniões.

Sim, falta-lhes uma parcela considerável de instrução e de treino religioso; portanto, estão mais livres e prontos a seguirem a direção do Espírito. Outras pessoas – mais dotadas, melhor educadas e treinadas em teologia – são freqüentemente limitadas e mesmo cegas por sua riqueza espiritual! Tais pessoas seguidamente oferecem grande resistência à unção interior e à liderança do Espírito do Senhor. O salmista nos diz:

"A revelação das tuas palavras esclarece, e dá entendimento aos simples" (Sl 119.130).

Mais ainda, temos recebido a segurança de que o Senhor ama dar-Se àqueles que Dele necessitam: "O Senhor vela pelos simples; achava-me prostrado e ele me salvou" (Sl 116.6).

Se você é alguém que tem novos crentes sob seu cuidado, seja cuidadoso para não impedir estas "crianças" de irem a Jesus Cristo. Lembre-se de que Ele disse aos Seus primeiros discípulos: "Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque deles é o reino dos céus" (Mt 19.14). (Foi dos discípulos a tentativa de impedir as crianças de irem a Jesus Cristo, a qual provocou esta afirmação Sua.)

Tem sido o hábito do homem, através dos tempos, curar pessoas, aplicando algum remédio ao corpo exterior, quando, de fato, o mal está profundamente enraizado. Por que tantos convertidos permanecem

basicamente os mesmos, a despeito de tanto esforço? É porque os que estão sobre eles lidam apenas com assuntos exteriores de suas vidas. Há um caminho melhor: vá direto ao seu coração!

Estabelecendo regras e tentando mudar o comportamento exterior, não produziremos uma obra que permaneça na vida de um cristão.

Qual a resposta, então? Dê ao novo convertido a chave de seu espírito, para entrar nas partes mais profundas de seu ser!

Dê-lhe este segredo primeiro, e você descobrirá que sua vida exterior será mudada natural e facilmente.

A realização de tudo isso é muito fácil. Como? Simplesmente ensine os crentes a procurarem Deus dentro de seu próprio coração. Mostre aos novos crentes que eles podem fixar sua mente em Cristo Jesus e que podem se voltar para Ele, sempre que se distraírem ou se dispersarem. Mais ainda, mostre-lhes que tudo deveriam fazer e suportar com simplicidade, para agradar a Deus. Que diferença isso fará! O novo convertido será levado a Jesus Cristo; descobrirá que o Senhor Jesus é a fonte de toda a graça, e verá que Nele está tudo que é necessário à vida e à piedade.

A você, despenseiro das almas dos homens, exorto-o a guiar os jovens em Cristo desta maneira. Por quê? Porque esta maneira é Jesus Cristo. Não eu, mas é o próprio Cristo quem insiste com você, pelo Seu sangue que foi derramado por esses crentes.

"Falai ao coração de Jerusalém" (Is 40.2).

Pregadores de Sua Palavra! Despenseiros de Sua graça!

Ministros de Sua Vida! Vocês precisam estabelecer o Seu reino.

A fim de o fazerem, tornem-No o Soberano sobre o coração.

Enfatizarei novamente: o coração é a chave. Somente o coração se pode opor à Sua soberania. Mas, por outro lado, ganhando-se o coração, a soberania do Senhor na vida do crente é confessada e altamente honrada.

"Ao Senhor dos Exércitos, a ele santificai; seja ele o vosso temor; seja ele o vosso assombro" (Is 8.13).

Ensine esta simples experiência, esta oração do coração.

Não ensine métodos; não ensine algum meio soberbo, elevado, de orar. Ensine a oração do Espírito de Deus, não a da invenção humana.

Tomem nota! Vocês que ensinam os crentes a orar em formas elaboradas e repetições sem sentido! Vocês realmente criam o maior problema que os novos cristãos têm. Os filhos têm sido afastados pelos melhores pais. O crente novo tem se tornado demasiado consciente de seu estilo de oração, preocupado demais em como orar. Mais ainda, tem aprendido uma linguagem muito refinada e demasiado elevada.

O caminho simples para Deus tem sido escondido. Você é um novo cristão? Vá, então, pobre criança, ao seu amoroso Pai. Fale-Lhe honestamente em suas próprias palavras. Não importa quão rudes e simples elas sejam, não o serão para Ele!

Poderá parecer que suas palavras são obscuras e confusas.

Poderá acontecer que, às vezes, você esteja tão cheio de amor e tão atemorizado na Sua presença, que você não saiba como falar. Está tudo certo! Seu Pai fica muito mais feliz com estas palavras, palavras que Ele vê que se derramam do coração cheio de amor, do que poderia ficar por palavras de efeito elaborado que são secas e sem vida.

As emoções simples, não disfarçadas, de amor, expressam infinitamente mais para Ele do que as palavras de qualquer linguagem.

Por alguma razão, os homens tentam amar a Deus por formas e regras. Você pode perceber que foi por essas mesmas formas e regras que você tem perdido tanto daquele amor.

Como é necessário ensinar a arte de amar! A linguagem do amor é estranha e artificial ao homem que não ama. Oh, mas é perfeitamente natural a quem ama. E como O amará você?

É assombroso e delicioso perceber que os mais simples dos cristãos são os que mais freqüentemente e mais rapidamente progridem em uma relação interior com Jesus Cristo! Por quê? Porque o Espírito de Deus simplesmente não precisa de nossas decorações!

Os mais simples podem conhecê-Lo e do modo mais profundo, sem qualquer ajuda de rituais, fórmulas ou instruções teológicas! Quando isso Lhe agrada, Ele transforma operários em profetas! Não, Ele não retira o homem do templo interior da oração. Ao contrário! Ele abre largamente as portas para que todos entrem nele!

"Quem é simples, volte-se para aqui. Aos faltos de senso diz: Vinde, comei do meu pão, e bebei do vinho que misturei" (Pv 9.4-5).

O Senhor Jesus agradeceu ao Pai por ter ocultado "estas coisas aos sábios e entendidos" e as ter revelado "aos pequeninos" (Mt 11.25).

24. A Realização Final do Cristão

É impossível atingir a União Divina somente pela meditação, através dos sentimentos ou por qualquer devoção, não importa o quanto seja iluminada. Há muitas razões para isso, a principal é a que se segue:

Segundo as Escrituras, "*não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver-me e continuar vivendo*" (Ex. 33,20). Ora, todo exercício de orações discursivas e mesmo de contemplação ativa, considerada como um fim e não como uma simples preparação para a contemplação passiva, ainda são exercícios vivos, que não nos levam a ver a Deus, ou seja, estar unido a Ele. Tudo o que é do homem e do seu fazer, por mais nobre e exaltado que seja, deve ser primeiramente destruído.

São João relata que havia silêncio no céu. (Ap. 8,1). O céu representa a região e o centro da alma, onde tudo deve ser reduzido ao silêncio quando a majestade de Deus aparece. Todos os esforços e a própria existência do eu devem ser destruídos; pois, nada é oposto a Deus, senão o EU; toda maldade do homem encontra-se na apropriação do EU como fonte de sua natureza má; a pureza da alma cresce na proporção em que perde a posse do EU; e aquilo que era uma falta enquanto a alma vivia na possessão do EU, não é mais falta, após ter adquirido pureza e inocência, abandonando o apego ao EU, o que causou a diferença entre ela e Deus.

Para unir duas coisas tão opostas como a pureza de Deus e a impureza da criatura, a simplicidade de Deus e a multiplicidade do homem, é preciso muito mais do que os esforços da criatura. Nada menos do que uma operação eficaz do Altíssimo pode realizá-la; pois estas duas coisas devem ter alguma relação ou similaridade antes de se tornarem um, já que a impureza do metal não pode se unir à pureza do ouro.

O que Deus faz então? Ele envia sua própria Sabedoria antes Dele, assim como o fogo será enviado sobre a terra para destruir tudo o que é impuro, através de sua atividade; nada pode resistir ao poder daquele

fogo; ele tudo consome; da mesma forma, a Sabedoria destrói todas as impurezas da criatura, a fim de prepará-la para a união divina.

A impureza, tão fatal para a união, consiste na auto-apropriação e atividade. Auto-apropriação, porque é a fonte e origem de todo desvio que não pode ser ajustado à pureza essencial; como os raios desol podem brilhar sobre a lama, mas nunca pode se unir a ela. Atividade, pois Deus sendo a quietude infinita, a alma, deve participar desta quietude, a fim de se unir a Ele; a contrariedade entre quietude e atividade impede a assimilação.

Portanto, a alma nunca poderá chegar à união divina senão no repouso de sua vontade; nem poderá se tornar uma com Deus, sem ser restabelecida no repouso central e na pureza de sua primeira criação.

Deus purifica a alma através de sua Sabedoria, assim como os refinadores produzem metais na fornalha. O ouro não pode ser purificado senão pelo fogo, que gradualmente consome tudo o que é terrestre e estranho, separando-o do metal. Não é suficiente usar deste processo, para que a parte terrestre seja transformada em ouro. É preciso que derreta e seja dissolvida pela força do fogo, a fim de separar da massa todas as partículas de metal ou estranhas; deve ser lançada novamente e novamente a fornalha, até que tenha perdido todos os traços de poluição e todas as possibilidades de ser ainda mais purificada.

Os ourives não podem detectar agora nenhuma mistura adulterada, devido a sua pureza perfeita e simplicidade. O fogo não a toca mais; e mesmo que permanecesse por mais tempo na fornalha, sua pureza não seria maior,nem sua substância diminuiria. Serve então para os trabalhos mais raros; depois disso, se este ouro parecer obscuro ou danificado, seria apenas em sua superfície; não há obstáculos para o seu emprego e ele se encontra completamente diferente de sua corrupção anterior, oculta no âmbito de sua natureza. Contudo, os não instruídos, que contêm o ouro puro coberto pela poluição externa, preferem um metal grosseiro e impuro, que superficialmente seja brilhante e polido.

Além do mais, o ouro puro e o impuro não se misturam; antes de poderem estar unidos, devem ser igualmente refinados; os ourives não podem misturar metal com ouro. O que fazer então? Com certeza, extrair o metal pelo fogo, para que o inferior possa se tornar tão puro quanto o outro, então poderão se unir. É isso o que queria dizer São Paulo: "a *obra de cada um será posta em evidência. O dia torná-la-á conhecida, pois ele se*

manifestará pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um". (1 Cor. 3,13); acrescenta: "*aquele, porém, cuja obra for queimada perderá a recompensa. Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo*" (1 Cor. 3, 15). Ele afirma aqui que há obras tão degradadas por misturas impuras, que mesmo que fossem aceitas pela Misericórdia de Deus, passariam pelo fogo, a fim de serem purgadas do EU; é neste sentido que é dito que Deus examina e julga nossa retidão, porque pelas obras da Lei nenhuma carne deve ser justificada, mas pela retidão de Deus, que é a fé em Jesus Cristo. (Rm. 3,20, etc).

Vemos assim, que a justiça e a sabedoria divina, como um fogo impiedoso e devorador, deve destruir tudo o que seja terrestre, carnal, ou sensual e ainda qualquer atividade do EU, antes que a alma possa estar unida com seu Deus. Ora, isso nunca poderá ocorrer pela industria da criatura; ao contrário, ela sempre impõe relutância, porque, como já disse, ela está tão enamorada do EU e tão temerosa da sua destruição, que se Deus não atuasse sobre ela com poder e autoridade, ela nunca consentiria.

Talvez haja aqui uma objeção, a que Deus nunca rouba o homem de seu livre arbítrio e que ele pode sempre resistir as operações divinas; e que eu, portanto, erro ao afirmar que Deus age absolutamente e sem o consentimento do homem.

Deixe-me explicar. Tendo o homem dado um consentimento passivo, Deus pode, sem usurpação, assumir total poder e completa orientação; por ter feito, no início de sua conversão, uma entrega sem reservas de si mesmo a toda vontade de Deus, ele dá um consentimento ativo a o que quer que Deus possa requisitar a partir de então. Mas quando Deus começa a queimar, destruir e purificar, a alma não percebe que estas operações ocorrem para o seu bem, mas supõe o contrário; o mesmo ocorre com o ouro que parece escurecer, no princípio, e então brilha no fogo, ela imagina que sua pureza foi perdida; se um consentimento ativo e explícito fosse então requerido, a alma mal poderia dá-lo, nem poderia mantê-lo. Tudo o que faz é se manter firme em seu consentimento passivo, sobrevivendo o mais pacientemente possível a todas estas operações divinas, as quais não é capaz e nem desejosa de obstruir.

Desta forma, a alma é purificada de todo seu eu-originado, distinto, perceptível e das múltiplas operações, que constituem uma grande diferença entre ela e Deus, ela é rendida por graus de *conformidade* e

depois de *uniformidade;* a capacidade passiva da criatura é elevada, enobrecida e alargada, ainda que de forma oculta e secreta, também chamada mística; mas em todas estas operações a alma deve manter-se passiva. De fato é verdade, que no começo a atividade da alma é requisitada; no entanto, na medida em que as operações divinas se intensificam, ela deve diminuir gradualmente; a alma deve se entregar aos impulsos do Espírito divino, até ser totalmente absorvida em Nele. Mas este é um processo que leva um longo tempo.

Não dizemos, como alguns supõem, que não há necessidade de atividade; ao contrário, ela é o portão diante do qual *não devemos nos deter para sempre,* já que é preciso prosseguir em direção à melhor perfeição, que é impraticável a menos que tenhamos ao lado os primeiros auxílios; pois, por mais necessária que tenha sido no princípio da jornada, tornam-se altamente prejudicial àqueles que a ela aderem obstinadamente, sempre impedindo a alma de alcançar o final. Isso fez com que São Paulo afirmasse: "*Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado, mas uma coisa faço:esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está adiante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus*" (Fl. 3,13, 14).

Não podemos dizer que é insensato aquele que inicia uma jornada e fixa sua morada no primeiro abrigo, só por ter ouvido falar que muitos viajantes se hospedaram ali e que os mestres da casa ali residem? Tudo o que desejamos é que as almas sejam impelidas ao final, tomando o caminho mais curto e fácil, sem parar na primeira estação. Que sigam o conselho e o exemplo de São Paulo, e que permitam serem guiadas pelo Espírito de Deus (Rm. 8,14), que irá conduzi-las infalivelmente ao fim da criação, o desfrutar de Deus.

Mas enquanto confessamos que o desfrutar de Deus é o fim único para o qual fomos criados, e que cada alma que não alcança a união divina e a pureza de sua criação nesta vida, só pode ser salva pelo fogo, estranhamos todo temor e tentativa de evitar o processo, como se pudesse ser a causa do mal e da imperfeição na vida presente; o processo deve produzir a perfeição da glória na vida futura.

Ninguém pode ignorar que Deus é o Bem Supremo; que a benção essencial consiste na união com Ele; que os santos diferem em glória, dependendo do grau da perfeição de sua união; e que a alma não pode atingir esta união pela mera atividade de seus próprios poderes, já que

Deus Se comunica com a alma, na proporção em que sua capacidade passiva seja grande, nobre e extensiva. Só podemos estar unidos a Deus em simplicidade e passividade, e se esta união consistir na própria beatitude; o caminho que nos conduz a esta passividade não pode ser mal, mas o melhor e o mais livre de perigo possível.

Este caminho não é *perigoso.* Teria Jesus Cristo feito o mais perfeito e necessário de todos os caminhos, perigoso? Não! Todos podem trilhá-lo; e como todos fomos chamados para a felicidade, todos são igualmente chamados para desfrutar de Deus, tanto nesta vida, como na próxima, pois só isso é felicidade. Falo do desfrutar do próprio Deus e não de seus dons; os dons não constituem beatitude essencial, já que não podem contentar completamente a alma; ela é tão nobre e tão grande, que nem o mais exaltado dom de Deus pode torná-la feliz, a menos que o Doador também Se entregue. Ora, todo o desejo do Ser Divino é Se entregar a cada criatura, de acordo com a capacidade com a qual é dotada; no entanto, o homem reluta em ser atraído por Deus! Quanto medo tem o homem de se preparar para a divina união!Alguns dizem, que não devemos nos colocar neste estado. Eu o garanto; mas, digo também que nenhuma criatura pode fazê-lo, já que não é possível para ninguém, através de seus próprios esforços se unir à Deus; somente Ele pode fazê-lo. É totalmente inútil contrariar aqueles auto-unidos, isso não pode ocorrer.

Alguns tentam *fingir ter alcançado este estado.* Ninguém pode fingir tal estado senão os miseráveis que estão a ponto de perecerem famintos; pois, qualquer duração parece, no mínimo, ser plena e satisfatória. Algum desejo ou palavra, suspiro ou sinal, irá inevitavelmente escapar dele e entregar que está muito longe da satisfação.

Como ninguém pode atingir este estado pelo próprio trabalho, não pretendemos introduzir ninguém a ele, mas simplesmente apontar o caminho que leva até ele: imploramos a todos que não parem nas acomodações do caminho, práticas e externas, as quais devem ser deixadas para trás quando o sinal é dado. O instrutor experiente sabe disso, aponta para a água da vida e dá o seu auxílio para obtê-la. Não seria uma crueldade injustificável mostrar uma fonte a um homem sedento e depois amarrá-lo para que não a alcançasse, deixando-o morrer de sede?

É exatamente isso o que é feito todos os dias. Que todos concordemos com o CAMINHO, como todos estão de acordo com o final,

que é evidente e incontrovertível. O Caminho tem seu começo, progresso e fim e quanto mais nos aproximamos da consumação, mais longe fica o começo atrás de nós; é só deixando um que podemos alcançar o outro. Não se pode da entrada alcançar um ponto distante, sem passar pelo espaço intermediário; se o fim for bom, santo e necessário e a entrada também for boa, por que a necessária passagem entre uma e outra seria má?

O humanidade cega, que se orgulha da ciência e da sabedoria! Que grande verdade, Ó meu Deus, que tu tens ocultado estas coisas do sábio e do prudente, e as tenha revelado aos pequeninos!



Sobre a Autora

"Poucas pessoas atingiram um alto grau de espiritualidade como o alcançado por Madame Guyon. Nascida em uma época corrupta, ela cresceu e criou-se em uma igreja tão devassa quanto o mundo em que estava inserida. Perseguida a cada passo de sua carreira, padeceu maus-tratos, aflições, sofreu abusos e foi presa durante anos pelas autoridades da igreja católica. Seu único crime foi amar a Deus; sua culpa foi a suprema devoção e afeição a Cristo. Ela compreendeu com facilidade as verdades mais profundas das Sagradas Escrituras. Os mais distintos líderes espirituais foram tremendamente influenciados por seus escritos, que têm por objetivo realizar algo bem maior nesses dias do que realizou no passado. Na realidade, o mundo cristão está apenas começando a entendê-los e a apreciá-los. Por meio de sua obra, milhares de pessoas podem chegar à mesma relação e comunhão íntima com Deus."

Jeanne Marie Bouvier de La Motte (1648-1717), mais conhecida como Madame Guyon, foi levantada por Deus num contexto católico, em pleno século XVII, quando as nuvens da apostasia ainda eram densas, apesar da fresta de luz da Reforma. Deus a usou de forma especial para abrir

caminho para a restauração da vida interior, da comunhão profunda com Ele, através da oração, da consagração plena, da santificação e do operar da cruz. Seus inspirados escritos, especialmente gerados na prisão, influenciaram a muitos ao redor do mundo e a notáveis líderes, tais como o Arcebispo Fenelon, os Quacres, John Wesley, Zinzendorf, Jessie Penn-Lewis, Andrew Murray e Watchman Nee. Eles foram tão marcados por Deus através dela que muitas das verdades comentadas e vividas por eles tiveram origem, de alguma maneira, no que herdaram de Madame Guyon; em nossos dias, estamos apenas começando a tocar no fluir das águas da verdadeira espiritualidade que Deus fez jorrar através dela.

FIM